

# Caderno do Foliás



Lenise Pinheiro

Fernando Peixoto ♦ Iná Camargo ♦ Maria Silvia Betti ♦ J. C. Serroni ♦ Paulo Arantes

# EDITORIAL

*Toda teoria é embrião de uma utopia. Quando se exclui a utopia, nós nos empobrecemos imediatamente. O próprio ofício de teorizar pressupõe uma utopia. As épocas que subestimam a utopia são épocas de empobrecimento intelectual, ético e estético.*

Milton Santos<sup>1</sup>

A citação do professor Milton nos faz entender melhor o período histórico em que vivemos. Esclarece-nos porque a barbárie tem avançado tanto em nossa sociedade, nos colocando prisioneiros dos desmandos e descasos das políticas que emanam do planalto central, que tem pautado nossas ações, nosso sentir, nosso pensar. Mas, como diz o próprio professor Milton, há um obstáculo que temos de superar para conseguirmos criar uma utopia que venha ao encontro com as possibilidades que em germe contém a sociedade brasileira, o nosso modo de pensar europeu, ocidental e, atualmente, norte-americano. Isto é, temos que ter a coragem de nos jogarmos para frente,

uma vez que, como ele diz, “[...] do contrário, ficamos paralisados pelo pragmatismo [...]”.

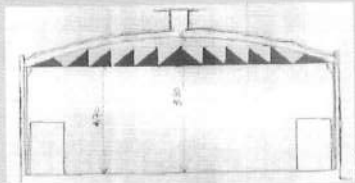
A história recente do teatro brasileiro tem sido esse pragmatismo. Para atravessarmos essa “vereda” temos que entender que, se continuarmos fechados em nossos umbigos, procurando as soluções possíveis, dentro do universo em que se dá o nosso ofício, não conseguiremos criar uma odisséia que justifique à sociedade a nossa função. É como querer comer a vitela sem se sujar no seu sangue. É como acreditar que a barbárie será combatida somente no terreno da cultura. É abrir mão da política como instrumento para a cons-

trução de uma sociedade justa e, de fato, democrática.

A globalização conseguiu materializar a metafísica, mediante o papel desempenhado pela ciência e pela técnica na produção das coisas. Há uma materialização física e uma realização primitiva, embora sofisticada, da ideologia. Tudo é ideológico. Estamos dentro de um mar de ideologias. Tudo é produzido a partir de uma ideologia, mas as coisas não aparecem como tal. Somos cercados por coisas que são ideologia, mas que nos dizem ser a realidade. Isso nos constrange, porque forma um sistema muito forte; e qualquer discussão que indique ser aquilo ideológico é desqualificada. E acho que esse é o drama da globalização. É preciso desmontar essa ideologia. Primeiro, desfazê-la na idéia, por meio da análise. Porque a análise é o processo de inverter, de colocar tudo ao contrário. E depois desfazê-la politicamente. Esse é o problema: opor à crença de que se é pequeno, diante da enormidade do processo globalitário, a certeza de que podemos produzir as idéias que permitam mudar o mundo.<sup>2</sup>

Abrir mão dessa utopia, para o teatro, significa abrir mão de sua própria natu-

## Caderno do Folias



Iná Camargo • Maria Sílvia Betti • Fernando Peixoto • J. C. Serroni

reza, de sua essência. É abdicar de sua função social e da sua responsabilidade histórica. É confinar-se em torre de marfim omitindo-se de participar de seu tempo histórico. O segundo número do *Caderno do Folias* dá continuidade aos objetivos que nos levaram a criá-lo: abrir um espaço de reflexão para que as diferentes ciências, conhecimentos, experiências artísticas, sociais e políticas viessem se somar para que melhor entendêssemos a realidade brasileira e o nosso ofício. Um instrumento que nos auxiliasse a colocar a mão na massa, a não sermos meros observadores das lutas de nosso tempo.

A ambição é que a sua publicação e circulação contribua para a transformação da realidade em que vivemos, colocando tudo ao contrário, para poli-

## Caderno do Folias



Fernando Peixoto • Iná Camargo • Maria Sílvia Betti • J. C. Serroni • Paulo Arantes

ticamente desfazer o imbróglio ideológico que tem, ultimamente, pautado as criações e reflexões em torno da arte e do teatro. Por mais que tentem desqualificar essa utopia. Não abrimos mão da crítica e da autocrítica. Não nos submetemos às normas que são próprias do nosso tempo. Recusamos o pensamento único como prática da política e da convivência coletiva. Acreditamos que todo teatro é crítico, porque não é imóvel, não é eterno. E que faz esse teatro? Sua tarefa essencial, a nosso ver, é colocar questões à realidade. Seus resultados devem ser questões postas à realidade.

<sup>1</sup> Milton Santos, *Território e sociedade* (São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000).

<sup>2</sup> Milton Santos, *op. cit.*, pp. 9-10.

### Expediente

#### Editores

Reinaldo Maia

Marco Antônio Rodrigues

#### Conselho Artístico do Folias

Fernando Peixoto

Iná Camargo

J. C. Serroni

Maria Sílvia Betti

Paulo Arantes

#### Produção

Folias D'Arte Produções

Artísticas

#### Relações Públicas

Hedda Gratti Pinto

#### Editoração eletrônica

Fabiana Fernandes

#### Revisão de texto

Lucila Barreiros Facchini

Luciana Campos de Carvalho Abud

#### Foto Capa

Lenise Pinheiro

O *Caderno do Folias* é um projeto do Grupo Folias D'Arte. As opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Os interessados em se comunicar com o grupo devem escrever para:

Rua Ana Cintra, 213  
Santa Cecília/São Paulo/Brasil  
CEP: 01201-060  
Tel./fax: (0xx11) 3361.2223  
E-mail: folias@sti.com.br  
Site: www.folias.com

Primeiro semestre de 2001

# ÍNDICE

**5** Documentos de cultura, documentos de barbárie

*Paulo Eduardo Arantes*

**17** Nosso próximo programa: Oxímoro!

*Subcomandante Marcos*

**33** A ameaça do final feliz

*Iná Camargo Costa*

**41** David

*Marco Antonio Rodrigues*

# DOCUMENTOS DE CULTURA, DOCUMENTOS DE BARBÁRIE

## *O sujeito oculto de um manifesto*

Paulo Eduardo Arantes\*

*Quem quer que adote o materialismo histórico precisa encarar com uma certa distância os bens culturais. Pois, tomados em conjunto, como não sentir um calafrio quando pensamos em sua origem? Eles não nasceram unicamente do esforço dos grandes homens que os criaram, mas também da anônima compulsão ao trabalho imposto aos contemporâneos de tais gênios. Não existe nenhum documento de cultura que também não seja um documento de barbárie. E a mesma barbárie que os afeta contamina o processo de sua transmissão.*

*Walter Benjamin, Teses sobre a filosofia da história, n. VII*

*Quem construiu a Tebas de sete portas?*

*Nos livros estão nomes de reis.*

*Arrastaram eles os blocos de pedras?*

*Bertolt Brecht, Perguntas de um trabalhador que lê.*

*Amamos a beleza nos limites do juízo político.*

*Péricles, segundo Tucídides.*

**E**m 1999 foi lançado em São Paulo por um coletivo da classe teatral um manifesto em favor da arte e, por isso mesmo, contra a barbárie. Trata-se de

uma declaração destinada a marcar uma posição de esquerda diante da questão cultural no Brasil privatizado de hoje. Por sinal, ela mesma, a esquerda, numa

situação igualmente dramática. E para tanto contrapunha ao consenso dos integrados algumas verdades desviantes, como a lembrança de que a arte não é um mero produto cultural e que a cultura, por sua vez, não é simples matéria de fomento e patrocínio. Essas certezas não são de agora; a coisa nova e ruim é a barbárie no meio do caminho e no topo do manifesto, que, aliás, distingue muito oportunamente a barbárie oficial da vulgar. Seguindo o conselho clássico, também achei que era o caso de me concentrar na coisa nova e ruim, sem deixar de repisar, porém, as boas e velhas convicções de sempre.<sup>1</sup>

\*

Um manifesto contra a barbárie, e ainda mais em nome da arte: quem não assinaria embaixo? É justamente esse o problema, e para melhor realçá-lo vou me fazer de desentendido, advogando por alguns minutos a causa do diabo – no caso, os novos organizadores da cultura. Não é preciso muito esforço de imaginação para visualizar a seguinte cena. No velho sistema do abaixo-assinado, por exemplo, uma adesão pedida por telefone, sem muita especificação de conteúdo, solicitada por um recruta inexperiente e,

além do mais, por engano, é claro, digamos ao animador sênior da Fundação O Belo Autônomo, seria prontamente concedida, também por engano, mais ou menos nos seguintes termos:

[...] É isso aí. Somente a arte poderá conter a barbárie. Precisamos dar um basta à incivilidade, ao retorno da animalidade, à brutalidade da vida cotidiana. Qual é a idéia por trás de uma Sala São Paulo, por exemplo? Ou do futuro Conservatório Musical, o velho Dops? E, justamente, de caso pensado, em plena cracolândia. O Projeto Luz não seria viável se os seus idealizadores não estivessem convencidos, entre outros tópicos indispensáveis em qualquer reabilitação urbana, como você há de convir, que a música que manifesta os instintos é a mesma que os apazigua. Nós também. Repare na dialética viva de nossa razão social, O Belo Autônomo. Pois qual é o nosso lema? Romper barreiras, ir até onde as pessoas estão. Por isso também achamos que se deve levar a arte até o coração mesmo da *new incivility*, como dizem os nossos parceiros americanos, que, aliás, iniciaram essa cruzada. Veja bem, não só a grande arte, pois não somos passadistas. Como disse, nosso negócio é romper barreiras. Um museu hoje em

dia tem que tornar cada vez mais tênue a linha que separa arte, moda, música e outras manifestações culturais. O grande público que hoje ocorre em massa às exposições sabe disso. Quase que por instinto ele já sabe que moderno mesmo é ir ao museu. Mas quer dizer então que vocês finalmente se renderam à evidência de que a economia não alicerça uma civilização? Já que vocês estão lançando um manifesto contra a barbárie, também devem ter chegado à mesma conclusão nossa de que a solução dos problemas do país não está na economia, mas na cultura; são os paradigmas culturais que definem as escolhas econômicas. Num país cronicamente inviável – você viu esse filme? um soco no estômago, hein? essa a incivilidade brasileira de nascença que precisamos reverter –, num país assim, meu caro, só a cultura vai poder nos oferecer a garantia de voltarmos vivos para casa depois de um dia de trabalho honesto (p...). Só a cultura artística verdadeiramente civiliza, não é mesmo? Costume empregar a fórmula: um arremate de raiz, para sugerir essa pacificação dos costumes pelo polimento estético. Por isso nós aqui no Belo Autônomo temos um compromisso ético com a função social da arte, sim, senhor.

Somos pela arte engajada, sim: o que há de mais ético do que a autonomia estética, você não concorda? Agora, tem uma coisa: francamente não entendo muito o preconceito de vocês contra o mercado. Afinal, vamos e venhamos, civilização custa caro! Aliás, deve mesmo custar caro para ter valor. Quem fala em cultura, meu velho, deve aprender que tem de falar em dinheiro. Mas olha, o escrúpulo não é só de vocês, não: a maioria dos nossos empresários ainda tem um senso muito atrofiado de cidadania, só agora eles estão despertando para a missão civilizadora do mecenato corporativo; daí nossa luta para convencer governantes, investidores e sociedade civil que a ética é o principal fator de produção e que a cultura será a economia do próximo século. É isso aí. Claro que assino, e ainda quero vê-los sem restrições, de alma leve, nessa nossa frente ampla da civilização contra a barbárie. A propósito, parabéns mesmo pelo novo espaço. Vi outro dia na agenda da *Bravo!* que um dos grupos do manifesto está corajosamente inaugurando seu galpão numa das regiões mais deterioradas do centro. Faço questão de divulgar no nosso Boletim. Que tal a chamada: mais uma iniciativa a favor da recuperação de uma zona de

fronteira? Cá entre nós: dando uma de Exército da Salvação, hein? Isso é coisa de escoteiro, vocês precisam se profissionalizar. Apareçam no Belo.

(A propósito, um breve flagrante dessa ânsia por civilidade que se apossou da boa sociedade brasileira pode ser visto no filme de Sérgio Bianchi, que tanto impressionou o companheiro da “Belo Autônomo”, aliás fita na qual se fala de civilização a três por dois. Na observação precisa de um crítico isento: “[...] duas dondocas atropelam mendigos e, em vez de socorrerem as vítimas, produzem discursos bem articulados em que se isentam de culpa. Uma delas é clone de uma socióloga conhecida. Afirma que não tem culpa se o atropelado desrespeitou a lei, que não é possível viver em um país no qual as pessoas não têm a mínima noção de contrato social e, em seguida, se manda, dizendo que não irá perder um compromisso importante por causa de gente como aquela”.<sup>2</sup> Como se sabe, a pontualidade é um dos pilares da civilidade – no Antigo Regime, dizia-se que era a polidez dos reis, que, salvo pela dita pontualidade, não eram propriamente grandes humanistas. Quanto ao compromisso intransferível, o roteiro do filme por certo exigiria que fosse uma palestra

dedicada a ensinar os empresários a lidar com a sociedade civil, ou coisa parecida com muita interlocução e parceria, na qual palestra também se explicaria que a sociedade civil é um receptáculo contendo entidades éticas em suspensão, mantidas as atuais condições de temperatura e pressão. Em tempo, o outro lado: Erasmo de Roterdã, autor do mais famoso tratado de civilidade da Renascença, certamente gostaria de saber que o código de boas maneiras em vigor entre os internos da Febem adverte os recém-chegados que arrotar ou expelir gases durante as refeições é punido com a morte.)

Noves fora, como ficamos? Se a idéia era tomar posição à esquerda diante da atual corrosão do caráter nacional, numa incômoda posição em falso. Não me parece um bom negócio para a esquerda fazer da cultura a derradeira trincheira da civilização, sobretudo agora que esse é precisamente o grande negócio da direita. É claro que forcei um pouco a mão na convergência, pelo menos de vocabulário, entre refratários e *establishment*. Digamos, para nos reconciliar, que tudo se deve a uma vírgula fora de lugar, que aliás nem mesmo deveria existir: uma coisa é um manifesto contra a barbárie,

em nome da arte; outra, muito diferente, um manifesto contra a barbárie em nome da arte. Pois é justamente desta última que se trata. Mas então teria sido necessário mudar a linguagem, chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome, ou pelo menos cercá-las com outras palavras: tudo menos o jargão do novo espírito do capitalismo, restando evidentemente explicar por que estamos falando a mesma língua.<sup>3</sup> Mas também não estamos ressuscitando o mais emblemático par de categorias herdadas da visão dualista do Antigo Regime de dominação, civilização e barbárie. Por que deveria a esquerda arcar com o “fardo do homem branco”? Seríamos os herdeiros da *mission civilisatrice* do velho imperialismo, como outrora o socialismo oitocentista, empenhado na realização da verdade progressista do liberalismo, que só seria falso na medida em que enganosamente dava a entender que já era uma realidade? Não deixa de ser uma hipótese – e, de novo, piedosamente progressista –, e talvez se explique um pouco por aí, a forte tentação de formular à esquerda uma política de civilidade – por que não? –, ocupando o vazio deixado pelo Ocidente capitalista que afinal parece ter se convencido de que essas antigas ambi-

ções de levar o comércio e a civilização a todos os cantos do planeta tornou-se puro desperdício de dinheiro: e ei-lo de volta à política de feitorias, sem falar nas expedições punitivas contra a anomia das populações economicamente supérfluas.<sup>4</sup> Ao que parece não foi bem o verniz civilizatório da expansão ocidental que caducou. Há quem associe ao eclipse da alternativa socialista a atual escalada de crueldade, a multiplicação das marcas da maldade; e não se trata apenas da loucura dos pobres mas sobretudo da esquizofrenia dos cidadãos respeitáveis que da noite para o dia transformam-se em *hooligans*: tudo se passa, vistas as coisas em retrospecto, como se o movimento socialista tivesse funcionado como um filtro “sem o qual a civilização moderna seria totalmente incapaz de existir; privada desse filtro, a economia de mercado sufoca em sua própria imundície”.<sup>5</sup> Se assim é, seria o caso de acrescentar, entrando agora no capítulo dos pastiches objetivos que caracterizam a farsa ideológica dos novos tempos, que tal filtro estaria então sendo descaradamente reciclado a título de suplemento moral da estupidez progressista do economicamente correto. À revelia, é claro, do engajamento antibarbárie dos ativistas

sociais – artistas incluídos, cada vez mais arrastados pelos moinhos de vento das “guerras culturais” –, que no entanto vão assim mesmo encorpando os argumentos a favor do novo espírito do capitalismo depois do seu triunfo, do qual os requintes civilizatórios destilados pela prática cotidiana do *doux commerce* são a jóia da coroa, para escarmento da massa sobranceira fora dos muros.

Naturalmente ninguém ignora, nem pretende, sobretudo se Freud tiver razão, como parece que tem, caluniar abstratamente o policiamento das pulsões – mas daí a responder, por exemplo, com “tolerância zero”, ao retorno do reprimido conforme se intensifica o mal-estar desse



outono da civilização do Ocidente, nem mesmo Nelson Rodrigues, por sinal um fino adepto do cafajestismo na civilização brasileira, comemorando hoje quinhentos anos de proezas. Deve ser até em função desse discernimento elementar que os autores do manifesto se concentraram de preferência na barbárie oficial, só que nos termos mesmos desta última, a requalificação artístico-cultural da urbanidade sitiada, o que nos devolve à encrenca ideológica de partida. Uma complicação tanto maior porquanto os papéis foram invertidos: somos nós a sociedade incivil, somos nós que cuspiamos no chão da festa de aniversário... deles, que por seu turno encarnam a boa sociedade civil. É bom lembrar que essa famigerada sociedade civil, antes de virar “parceira” de qualquer coisa, já foi um conceito respeitável, referido à arena da luta pela hegemonia numa sociedade antagônica. Vitimado pela mesma implosão dos significados originários que está nos interessando (retrocesso é reforma, direito é privilégio, barbárie é civilização, etc.), tornou-se um sinônimo reciclado para os negócios desinteressados do Terceiro Setor. Se andamos assim com as cabeças trocadas, não seria mau uma primeira providência, como sugerido, começar trocando o título



do manifesto para “Contra a barbárie em nome da arte”. Numa palavra, contra a barbárie dos civilizados – que por aqui estrearão reinventando a escravidão, e o tráfico negreiro talvez como forma superior do *doux commerce*, como já foi dito, veículo civilizador responsável pela transformação das paixões em algo construtivo. Tomada essa providência inicial, posso assegurar que o documento tomaria uma feição clássica. Os antigos, que sabiam do que falavam, pois afinal foram eles que inventaram o termo, na sua obsessão pela vida ativa, consideravam bárbaros os povos que não por acaso se distinguiam por não terem Estado e sobretudo – quem sabe por isso mesmo – pela desmedida do prazer estético indiscriminado, algo como o nosso “tudo cultural” de hoje, ou a afetação de refinamento oriental a que se entregam os intermediários culturais da nova burguesia compradora de estatais.

Vem de muito longe, portanto, o entrelaçamento de inclinações bárbaras e sensibilidade apurada pelo cultivo da alma. Até aí, nada demais; nos seus momentos de abandono, qualquer esteta wagneriano sabe disso. A novidade é que agora, depois da revanche triunfal dos donos do dinheiro, ficou estabelecido que

só o capitalismo civiliza. Está aí a capital do novo imperialismo que não nos deixa mentir. O difícil porém é distinguir no decantado retorno da civilidade em Nova York o que se deve ao doce convívio reavivado pela prosperidade dos *happy few* planetários (em todo caso, não é bem isso que se vê no filme póstumo de Kubrick, até segunda ordem, um artista de olhos bem abertos), e o que pode ser atribuído com alguma certeza à política de tolerância zero do novo Estado Penal americano, não só na rua como no mundo do trabalho.<sup>6</sup> Mais especificamente, tudo se passa como se apenas o cosmopolitismo superlativamente encarnado na alta finança carregasse consigo as sementes da nova civilidade global.

Pensando bem, as coisas não mudaram muito. Não é de hoje que os grandes predadores no comando do aparato de dominação, nos momentos de auge da riqueza financeirizada, privatizam o inteiro circuito das artes. É bem verdade que não se poderia falar, a rigor, de um domínio público a ser confiscado no tempo da alienação financeira das encalacradas cidades-estado italianas nas mãos das mais poderosas casas bancárias do século XVI, quando pela primeira vez ocorreu o fenômeno,<sup>7</sup> salvo, é claro – mas é jus-

tamente isso que importa em tais conjunturas –, no que tange ao vertiginoso endividamento público. Acontece que o Estado, sangrado pelos donos do dinheiro, de que carece para a gestão da política territorial e portanto da guerra, só poderia garantir a renda dos seus credores na medida mesma em que se especializava na extração compulsória de recursos das populações, e em troca de uma proteção que só poderia oferecer enquanto monopolizasse o uso da violência. Qualquer semelhança com o crime organizado não é mera coincidência.<sup>8</sup> Voltando ao esbulho de hoje, dá para perceber que o cenário continua o mesmo. Na origem da atual expropriação privatista da cultura sob o regime do alto patrocínio, nos deparamos invariavelmente com todo tipo de manobras visando à obtenção de um *exclusivo* qualquer, como é próprio da configuração rentista da riqueza, da propriedade da terra ao atual cercamento de marcas, patentes e audiências. Em última instância, o que promete qualquer operação de alta patronagem cultural? Nada mais (e precisa?) do que a exclusividade do acesso a um ambiente tão seguro quanto o de um clube (que apresenta o inconveniente de *marketing* de figurar apenas no colonismo social, não

por acaso invadido hoje por “culturetes” de todos os bordos) onde elites empresariais e políticas se encontram, fazem as devidas conexões (sociedade em rede demanda conectividade; novamente, qualquer semelhança com o crime organizado, etc.), numa palavra, se reconhecem e confirmam mutuamente como tais, mas sobretudo comparecem sob a luz da mídia aureoladas pelos seus respectivos agentes culturais: “criadores”, fomentadores, curadores, mecenas de carteirinha, jornalistas culturais, *promoters*, editores “criativos”, administradores oficiais e extra-oficiais, etc., etc. Até mesmo as megafilas nas atuais exposições arrasa-quarteirão dão claramente a entender que tal monumento, recoberto pela grife exclusiva dos patrocinadores, está no momento generosamente abrindo suas portas à visitação pública.

Não estou dizendo nada que os signatários do manifesto não saibam, e, além do mais, por experiência direta. Apenas repassei o atual cenário de conquista e rapina para melhor realçar o acinte. Aqui a novidade. Ao contrário do que imagina o prezado companheiro da fundação “O Belo Autônomo”, em sua campanha pela Educação estética da humanidade (infelizmente, o projeto de

Schiller não pegou por falta de cooperação por parte de uma sociedade civil mais pró-ativa), a economia continua no comando, e como sempre apresentando a conta a quem não tem mais como pagar. Com a diferença de que nos tempos do decoro vitoriano não se podia levantar impunemente o véu que encobria a origem misteriosa da riqueza e do bom-tom, um gesto bárbaro de extremo mau gosto. Ibsen que o diga, sobretudo porque hoje estaria arrombando uma porta aberta. O colapso da ordem liberal-burguesa, cuja derrocada se estendeu pelos trinta anos que separam as duas guerras mundiais, aliás uma só, pontuada por campos de extermínio e holocausto nuclear, por assim dizer, democratizou o



cinismo. Durante três décadas o fiasco histórico da fraseologia liberal funcionou como uma espécie de crítica ideológica espontânea, trazendo para a superfície a realidade subterrânea da exploração, cruamente exposta, em cena aberta, e mesmo descaradamente reivindicada por quem de direito em nome do realismo. A caminho da extinção, não se pode dizer que a espécie desapareceria sem conhecimento de causa. O arranjo do pós-guerra apenas recobriu a fratura exposta com razões técnicas, sendo o Estado social uma arena de conflito distributivo permanente: a anestesia durou enquanto houve crescimento e a mercadoria continuava sendo entregue onde havia consumidores solventes, mas não se poderia dizer que se voltara ao regime anterior de encobrimento e sublimações, próprio das grandes formações simbólicas. Num certo sentido as crises ficaram mais claras: não é muito difícil se convencer de que doutrinas políticas, sistemas filosóficos, códigos jurídicos e assemelhados não podiam mais ofuscar a verdade enunciada pela fórmula trinitária do apocalipse da civilização capitalista, Auschwitz, Gulag, Hiroshima, a simbiose entre forças produtivas, servidão e extinção. Mais claras, porém mais impe-

netráveis, à medida que se aprofundava a degradação ideológica rumo ao grau zero da existência simbólica, pois a *performance* econômica (para nós, desenvolvimentismo e industrialização periférica), como fonte exclusiva de legitimação do sistema, quando muito destilava um “sentido” muito raso para um regime absurdo de acumulação interminável, uma justificação meramente pragmática para efeitos de autoconservação mediante redistribuição (forçosamente desigual) do produto e da proteção social. Cristalizou-se assim uma nova não-transparência, diversa da anterior, pois desprovida de qualquer alegação “transcendente”. A antiga ideologia, por assim dizer, tornou-se “imaneante”, e por isso mesmo oca, sem outro conteúdo do que a própria realidade – segundo uma interpretação clássica daquela época –, mera afirmação da sociedade realmente existente, *sans phrase*,<sup>9</sup> simplesmente reconfirmada por sua reduplicação pela indústria da consciência, dita também cultural, que não é “ideologia” de coisa nenhuma, pois não diz nada, funcionando como uma psicanálise às avessas, como sustenta aquele mesmo diagnóstico da finada era do crescimento. Esse mundo de alienação administrada veio abaixo a

partir dos anos 1970, como se sabe. E com ele desabou também a força persuasiva dos feitos estilizados do desenvolvimento que, deixando de ser mundial, provou ser uma ilusão, a menos que se passe adiante o mito do capitalismo que deu certo num só país, a um tempo mitologia imperial revigorada pela mera força bruta das coisas e disparate cognitivo a respeito de um sistema histórico que já nasceu simultaneamente global e nacional, e assim há de morrer. Aprofundada e congelada sem anestesia a descomunal estratificação da economia mundial, era de se prever uma ressurreição apoteótica da exibição cínica de poder e desfrute tal como nunca se tinha visto desde o período do caos sistêmico entre as duas guerras mundiais. Com a diferença para pior (se é que se pode falar assim) que o grande bate-boca entre as classes em luta<sup>10</sup> naquela antevéspera do horror próximo parece estar hibernando hoje, enquanto as novas oligarquias imperiais continuam falando não sozinhas, mas entre si, além do mais, com as contribuições da esquerda (ética? cultural? civilista?) para o jargão único.

Deu-se então o escândalo espantoso do nosso tempo. Num momento em que, entregue a si mesmo, voltou a ameaçar a

sobrevida da espécie no planeta, o capital vai convencendo a imensa clientela que se acotovela nos guichês de entrada de que só ele civiliza. (Ao que parece, tal escárnio objetivo é recorrente: Norbert Elias, não por acaso hoje na moda, principiou inocentemente o seu ciclo de ensaios sobre o processo civilizatório em plena ascensão do Terceiro Reich.) Que os bárbaros justamente são os barrados na festa: porque não são competitivos, são consumidores insolventes, são perigosos (mas estes resolvem à bala a frustração do consumo, à moda do *high life*), são parasitas do Estado providência, são intelectuais ressentidos-com-a-nova-complexidade-do-mundo e por isso esbravejam como sérvios, etc. Assim sendo, a motivação econômica das condutas não só pode mas deve ser exposta como fonte legitimadora de racionalidade e agora de civilidade: espera-se de um executivo caçador de cabeças, encarregado de uma reengenharia destruidora de empregos, que apresente as boas razões da companhia, o que fará de acordo com um roteiro prévio da mais estrita urbanidade, a nova cifra da autenticidade ética nos negócios, como nos bons tempos do existencialismo, bastava puxar uma angústia em comum.

Não deve ser por outra razão que o cinema americano de hoje vem se especializando numa espécie de sub-realismo em que pequenas “barbaridades” cotidianas são incorporadas desde que acompanhadas de uma confissão a céu aberto, plena de tato e *savoir vivre*, com o que deixa de chocar; o que conta é o espírito desarmado, a afabilidade que só se encontra nas sociedades que estão dando certo [...]. Pois é, não é isso mesmo o que atesta o casamento legítimo do *big business* com a alta cultura?

A estetização do poder que só a riqueza confere evidentemente não é de hoje, a bem dizer, tem a idade dos rituais de polimento do aparato gestual de dominação, como se sabe, codificados pelas primeiras sociedades de corte, coreografia sob a qual justamente evaporava, numa nuvem de mítica beleza, a fonte sanguínea de tamanho apuro nos costumes. Em linha evolutiva com essa matriz originária da civilidade, a sociedade imperial de hoje se distingue pelo desocultamento ostensivo do comando inconstrastável da economia, só que agora devidamente glamourizado pela culturalização do dinheiro. Essa a face contemporânea da barbárie em nome da arte, o horror econômico praticado como

uma das belas-artes. Restaria saber o que leva suas vítimas e demais candidatos à desgraça econômica a renaturalizar a evidência do artefato fabricado à luz do dia, atribuindo-a a uma causalidade sistêmica insondável e imutável.<sup>11</sup> A voga incongruente da civilidade redentora faria então todo sentido. O realejo do polidamente correto sinalizaria assim o arranjo final para uma convivência de fim de linha, numa sociedade sem alternativas. Não faltou, aliás, quem se perguntasse, desde o lançamento dessa panacéia redentora, se uma tal reentronização da polidez na categoria das grandes virtudes não queria dizer que se estava precisamente renunciando, à esquerda, é claro, àquela suprema falta de educação que consiste em virar de pernas para o ar a ordem estabelecida.<sup>12</sup>



Alguns anos depois, constatando a catástrofe que representava habituar-se à idéia de que não há mais saídas coletivas para os desastres do nosso tempo, e que a atual epidemia de depressão dificilmente se explicaria se esse quadro de impasse histórico fosse escamoteado, uma psicanalista observou que hoje em dia os sujeitos deprimidos costumam ser de fato muito polidos.<sup>13</sup> Foi-se o tempo em que a rebelião das massas constituía uma ameaça à civilização, em que ainda se podia falar de “uma barbárie positiva”, como o fez Walter Benjamin nos anos 1930, confiando na *tabula rasa* da modernidade que anunciava vida para além do capitalismo.<sup>14</sup> Hoje, como estamos vendo,<sup>15</sup> a ameaça vem de cima, das elites em estado de secessão social e desterritorialização nacional, graças ao último refúgio oferecido pela globalização do dinheiro mundial, a moeda do Império.<sup>16</sup>

Um dos pensamentos delicados da nova barbárie “tudo pelo cultural” consiste em propagar a boa nova de que hoje ingressamos numa era de invenção permanente de direitos. A cultura entraria no pacote de última geração. Na verdade, o que de fato vem ocorrendo desde 1980 é um espantoso processo de destituição de direitos. Com a noção moderna de

direito, entre tantas outras do antigo repertório iluminista, e entre elas a idéia de civilização, como estamos vendo, deuse igualmente a mesma rotação no sentido contrário, passando a significar privilégio a ser cassado pela marcha inelutável das forças produtivas, é claro; afinal, agora somos todos materialistas, não é verdade? O desenganado progressismo de antigamente (o de hoje é mais desabusado) via no cidadão um ser em evolução, cuja marcha ascensional aos céus da política principiava pela conquista dos direitos civis e culminava nos direitos sociais, dos quais talvez ainda se lembrem alguns europeus com mais de sessenta anos. A mesma visão se aplicava ao Estado, que teria vencido as mesmas etapas de ampliação de seu sistema de garantias individuais e coletivas, “evoluindo” do Estado de Direito ao Estado Social, cujo triste fim se conhece. À acelerada involução de hoje já se deu o nome de desjuridificação, por oposição aos ciclos anteriores de crescente extensão e consolidação de direitos, avançando sobre a terra de ninguém dos nexos sociais colonizados pela forma-mercadoria. Exemplo dessa desjuridificação, o desassalariamento selvagem em curso no mundo, que reverte a força de trabalho,

que não é uma mercadoria qualquer, de fato nem mesmo é uma mercadoria, à condição bárbara de mero artigo de comércio (condenado quando não encontra comprador), o que a anterior relação salarial “juridificada” pelo menos em parte represava. Viu-se que era provisória,<sup>17</sup> e que o capital decididamente não será nunca um animal doméstico. Pois seria então o caso de dizer que o avesso do atual processo de desjuridificação vem a ser a estetização extensiva da riqueza capitalista que se está vendo. E, de fato, um dos traços constitutivos da nova barbárie consiste em trocar direitos por “cultura”.

Dessa barganha assustadora se poderia até reconstituir a contabilidade elementar, algo como a economia política da civilidade culturalista. Com efeito, o inchaço “cultural”, que vai assimilando imaginação e inteligência ao toma-lá-dá-cá de comércio e patrocínio, tem certamente a ver, como se disse, com o rentismo predominante de hoje. Ocorre, como também já foi lembrado, que tal configuração patrimonial da riqueza não seria o que é sem o tipo de renda mínima que o endividamento exponencial do Estado – e, por isso mesmo, cada vez mais fiscalista e superavitário – assegura

ao capital, por meio, é claro, entre outros instrumentos (como as privatizações financiadas com fundos públicos), da asfixia do que ainda sobrevive do Estado social.<sup>18</sup> Ora, o mais espantoso é que sobre os escombros do falecido Estado providência está se edificando um próspero Estado penal, para o financiamento do qual o orçamento público (americano, em primeiro lugar) não parece conhecer qualquer limite. Ainda para efeito de contabilidade é bom lembrar que “tolerância zero” também quer dizer penas exorbitantes para transgressões irrisórias, que obviamente tendem a explodir em tempos de desemprego endêmico e salários desmoralizantes. Quer dizer, aumento igualmente exponencial da população carcerária, e dos negócios correspondentes na nova indústria da prisão, a começar pela privatização das cadeias públicas – outra iniciativa americana pioneira.<sup>19</sup> Já se disse que as prisões funcionam agora como substitutos de sucesso das agonizantes instituições do bem-estar.<sup>20</sup> Ganha-se assim nas duas pontas da corrida ao corte de custos, desempregando de um lado e encarcerando de outro. Pelas mesmas contas, também se ganha na virada do “social” para o

“cultural”. Este último – nunca será demais repetir –, banalizando e estilizando a devastação da guerra econômica, a cujo motor, como sabemos, seria tão impolido e descortês aludir como outrora era de bom-tom escamotear, pelos rituais do decoro, a vulgar existência do próprio corpo, que nem por isso se deixava de exibir e vender. Tudo somado, não se pode negar que é pela mão invisível do novo Estado penal que também vai se regulando o mercado de amenidades cívico-culturais.

\*

O mundo certamente deve ter saído dos eixos, a ponto de nos empurrar para uma coabitação de parede-meia com o horizonte rebaixado dos vencedores globais e, o que é pior, falando a mesma língua de estereótipos edificantes. Um deles é o *passé-partout* da civilização, pouco mais do que uma senha para o grande amálgama da barbárie, que vai enfiando um pouco de tudo no mesmo balaio colonial, dos degoladores da Mazorca do ditador Rosas aos jagunços de Canudos, das “chacinas” da periferia aos manifestantes que atrapalham o trânsito. Essa é a coisa nova e ruim, a vala comum das palavras de sentido trocado, e para

as quais devemos ter uma política, a qual, por sua vez, não é uma questão meramente discursiva, uma batalha semântica pela reconquista da acepção original confiscada – se assim fosse, ricochetearíamos de volta no campo dileto do novo *establishment* global, o das guerras culturais.

Dito isso, mesmo sem ser baluartista, desconfio que se voltarmos a chamar a barbárie pelo seu próprio nome, seu par antitético também mudaria de figura. Não estou simplesmente reafirmando que, no fim das contas, barbárie hoje nada mais é do que o capitalismo triunfante levado ao seu paroxismo. Muito menos repetindo pela enésima vez que a única esperança de que a humanidade coincida alguma vez com seu próprio conceito passa pelo socialismo, seja lá o que isto queira dizer a cada idade histórica específica. Gostaria apenas de sugerir que ainda pode ser útil a evocação de uma antiga verdade “filosófica” do materialismo histórico. Se é fato, como explicado no seu primeiro manifesto, que a história da humanidade tem sido até agora a história da luta de classes, isto quer dizer, entre outras coisas, que ainda vivemos em plena pré-história. Pois é isso e, assim sendo, a modernidade

capitalista nada mais é do que o último capítulo dessa extensa crônica de barbaridades. E, último capítulo, por conta da particularidade do capitalismo, que consiste em trazer consigo pela primeira vez a possibilidade técnica de resolver o problema econômico da escassez. E como não resolve, continuamos na mesma. A rigor, a “civilização” ainda não começou, ou então é apenas um outro nome para a barbárie de sempre.

Excesso de metafísica? Nem tanto. Em todo caso, empiricamente comprovada pelo fenômeno contemporâneo que acabamos de passar em revista. Pensando bem, o que revela a guerra econômica (e a guerra, no esquema do materialismo, é uma estrutura originária) das grandes marcas mundiais pela imagem superlativamente ostentatória de cultura e patronagem senão a “primitiva” rivalidade pecuniária entre os grandes predadores? O que trai enfim a assimilação atual da cultura à mera autopropaganda, senão a recorrência arcaica do caráter bárbaro da cultura? (Não haveria nenhuma surpresa se acaso um diretor artístico-financeiro – tais funções não se distinguem mais – resolvesse se apresentar a caráter, com um osso atra-

vessado no nariz, na forma de um eixo curatorial, é claro.) E bárbaro precisamente enquanto mera exibição de poder, rapina e lucro. Recordo que semelhante visão da atualidade bárbara da civilização foi enunciada pela primeira vez no início do século XX por um sociólogo (*sic*) à vista dos grandes feitos culturais (na área do fomento, por certo) dos *robber barons* americanos.

Mas então, o que pode a arte para despertar a humanidade do pesadelo em que se debate ao longo de toda a sua pré-história? Enquanto bem cultural, tesouro artístico, reserva ética ou coisa que o valha, absolutamente nada. São troféus de guerra. Porém, enquanto simples forma organizadora da imaginação (para início de conversa), única atividade mental livre do jugo pré-histórico da autoconservação enquanto fim em si mesmo, continua sendo, hoje como sempre, a única chance de acordar. Para a política, é óbvio. Creio que foi isso o que o manifesto Arte contra a barbárie quis dizer, e talvez deliberadamente, nos termos mesmos em que a barbárie oficial colocou a questão cultural.

gino ter dito, e subentendido, no Teatro Aliança Francesa em 23 de novembro de 1999, além de recorrer a alguns esquemas parcialmente sugeridos num artigo redigido por mim, porém planejado em parceria com Otília Arantes, "Sofística da assimilação", e publicado na revista *Praga* nº 8, em 1999.

- 2 Luiz Zanin Oricchio, "A crônica de um impasse social", *OESP*, 14.05.2000, p. D6.
- 3 Tentei uma explicação num artigo, acho que publicado num boletim da Abong, "Esquerda e direita no espelho das ONGs", versão escrita de uma exposição de novembro de 1998 num congresso da referida "entidade da sociedade civil [...]". Ai mora o perigo.
- 4 Simplesmente não há mais interesse econômico nas políticas integracionistas. "Largar as ex-colônias, largar os africanos, largar os pobres. Dar um chega-pra-lá nos países e nos cidadãos despreparados para enfrentar a nova ordem econômica mundial" (Luiz Felipe Alencastro, "O caso dos bacharéis", *Novos Estudos*, nº 50, 1998, p. 59).
- 5 Robert Kurz, *Os últimos combates* (Petrópolis: Vozes, 1997), p. 145, comentando observações do sociólogo Alexander Schultz e do ensaísta Hans-Magnus Enzensberger.
- 6 A respeito das relações entre civilidade penal e políticas de requalificação urbana numa cidade tipicamente "revanchista" como Nova York, ver o estudo de Otília Arantes, "Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas", do qual extraí meu comentário, em Otília Arantes *et al.*, *A cidade do pensamento único* (Petrópolis: Vozes), no prelo. Para não dizer que se trata de um preconceito "bárbaro", a propósito da tolerância zero (que em Brasília se tornou segurança sem tolerância; para variar, quando um "civilizado" diz mata, há sempre um brasileiro para dizer esfolo), ver o artigo de Jorge da Silva, coronel da reserva da Polícia Militar do Rio de Janeiro, *OESP*, 23.5.2000, p. C6.

- 7 Assinalado por Giovanni Arrighi, *O longo século XX* (Rio de Janeiro: Contraponto, 1996).
- 8 A observação é de Charles Tilly, *Coerção, capital e estados europeus* (São Paulo: Edusp, 1995).
- 9 No que se deve reconhecer o embrião da "animação cultural sem frase" de hoje, de que trata um capítulo do livro de Otília Arantes *Urbanismo em fim de linha* (São Paulo: Edusp, 1999).
- 10 Como Roberto Schwarz caracterizou o confronto das grandes massas corais na *Santa Joana* de Brecht, no ensaio de apresentação de sua tradução, em 1982, depois em *Que horas são?* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987).
- 11 É pelo menos seguro que não se trata de um juízo de conhecimento; a admissão de uma fatalidade econômica não é fruto de um raciocínio que redunde numa atribuição intelectual. Christophe Dejours é de opinião que o fenômeno é da ordem dos mecanismos psicológicos de defesa, reforçados, no caso, pela intensificação do que chama de trabalho atroz. Cf. C. Dejours, *A banalização da injustiça social* (Rio de Janeiro: FGV, 1999). Deu no Boletim da Sociedade de Cultura Artística "O Belo Autônomo": "[...] a civilizadíssima Amsterdã acaba, neste mês de outubro, como notícia no *Le Monde* de 16.10.98, de aderir à política de *tolerância zero*. Comportamentos a-sociais serão doravante delitos punidos à altura. A conclusão a que chegou a cidade é que o tecido social esgarçou-se ao ponto de ruptura. A situação em que a cidade decidiu que se encontra (*sic, sic*) corrobora, infelizmente, a tese que sustentamos aqui no "Belo Autônomo": a destruição da cultura política pode encontrar na situação econômica precária de um país, família ou indivíduo, um fator de agravamento, mas não o fator determinante; a cultura política hoje se desmancha em virtude de causas culturais bem mais amplas que requerem, para serem corrigidas,

\* Professor do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP.

1 No que segue, procuro reconstituir o que ima-

providências de natureza antes cultural do que econômica. É mais do que tempo de colocar a pirâmide marxiana sobre sua própria base: infra-estrutural não é a economia, é a cultura. Daí o nosso constante brado programático: tudo pelo cultural!". Elevador de última geração.

- <sup>12</sup> Régine Dhoquois, prefácio de *A polidez* (Porto Alegre: L&PM, 1993). A edição francesa é de 1991. O nosso João da Ega sempre dizia que o desacato é a condição do progresso. É bom não esquecer.
- <sup>13</sup> Elisabeth Roudinesco, *Por que psicanálise?* (Rio de Janeiro: Zahar, 2000).
- <sup>14</sup> Cf. Walter Benjamin, "Experiência e pobreza", em W. Benjamin, *Documentos de cultura, documentos de barbárie* (São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986). Seleção e apresentação de Willi Bolle.
- <sup>15</sup> Depois do último ensaio de Christopher Lasch, bem-entendido, *A rebelião das elites* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995).
- <sup>16</sup> Nunca é demais lembrar – aliás, na presente circunstância é decisivo – que essa desterritorialização das camadas dominantes nunca é absoluta, nem poderia ser. Não são tão lineares assim as relações entre capital, estado e território. A nova classe de *rentiers*, somada a dos "barões das privatizações" que tomaram o lugar da antiga burguesia nacional – e nacional à revelia, pois se consideravam prisioneiros de um território econômico sem moeda conversível –, ao mesmo tempo que conseguiram conectar seus interesses nas redes dos investidores externos e das burocracias multilaterais que policiam monetariamente a periferia capitalista (cf. Leda Paulani, "Vulnerabilidade ampliada", *Jornal de Resenhas*, 13.5.2000),

estão estruturalmente vinculadas ao Estado nacional que lhes assegura uma renda patrimonial mínima, e não há hipótese de que esta variável independente do capitalismo histórico desapareça, pelo menos nas regiões relevantes; por isso, na boa observação de Fernando Haddad, qualquer vitória eleitoral da esquerda (coisa que nunca ocorreu na história do Brasil, no que concerne o único poder que conta) sempre lhes aparecerá como uma ameaça de expropriação (cf. Fernando Haddad, "Patrimonialismo e democracia", *FSP*, 18.8.99). Isso para lembrar que a arena política local continua inteira e que, por incrível que pareça, a nova classe dominante também continua barbarizando por aqui mesmo.

- <sup>17</sup> *Nota da digitação*: como expressamente prometera Keynes ao *Capital* na fundamentação de sua proposta de um *Welfare State*.
- <sup>18</sup> Segundo Robert Reich, ex-secretário do trabalho na primeira administração Clinton, atualmente sobra dinheiro para o *Welfare*, o que falta é vontade mesmo, *et por cause*. Cf. *Valor*, Fim de Semana, 19.5.2000, p. 11. Trata-se obviamente de um macropopulista, por isso não foi promovido para o segundo mandato.
- <sup>19</sup> *Nota da digitação*: sem dúvida nenhuma um avanço em relação a Auschwitz e iniciativas conexas do Terceiro Reich, uma vez que lá a exploração do trabalho escravo e a indústria do genocídio precisaram da mediação do Estado, entrando na coluna dos *custos*. Agora é investimento lucrativo sem intermediários: entre outros ganhos de produtividade, houve simplificação na própria contabilidade.
- Nota do indigitado*: demasia lógico-política da Digitação? Quase nada. Diante da gestão em-

presarial de homens desprovidos da maioria de seus direitos nas prisões privatizadas, não são poucos os juristas que precisam esfregar bem os olhos para crer no que estão vendo e pressentindo: "[...] numa penitenciária privatizada, em que o preso é convertido em mão-de-obra compulsória, de que modo enquadrar seus deveres, como condenado judicial, com seus direitos trabalhistas, enquanto operário? [...] Qual o interesse dessas firmas, cujas 'fábricas' podem enfrentar problemas de flutuação de mão-de-obra, em ressocializar os presos que se revelarem excelentes trabalhadores em suas linhas de montagem?" Cf. José Eduardo Faria, prefácio ao livro de Laurindo Dias Minhoto sobre a gestão da violência no capitalismo global, *Privatização de presídios e criminalidade* (São Paulo: Max Limonad, 2000).

- <sup>20</sup> Cf. Zygmunt Bauman, "Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar à prisão, em *O mal-estar na pós-modernidade* (Rio de Janeiro: Zahar, 1998), p. 57. Não tão estranhos assim à esfera do consumo-compulsão: veja-se, no estudo citado de Laurindo Minhoto, como os assim chamados "excluídos" da nova ordem econômica são "incluídos" na condição de "consumidores cativos da indústria da punição". Nessa mesma linha de generalização do trabalho forçado não entram apenas os *working poors*, dentro e fora das grades: segundo o principal teórico americano da "macdonaldização" da sociedade, George Ritzer, não é só nos restaurantes *fast food* que as pessoas estão começando a pagar pelo privilégio de trabalharem de graça como consumidores – e em fila. Cf. George Ritzer, *The Mcdonaldization Thesis* (Londres: Sage, 1998), cap. V.



## *Nosso próximo programa:*

# OXÍMORO!\*

*Num mundo em que a barbárie tornou-se cotidiana, é preciso reconhecer a responsabilidade dos intelectuais que resistem. Depende da ação deles saber se o protesto se esgotará em denúncia sem perspectiva ou, ao contrário, levará à formação de novos atores sociais e, indiretamente, a novas políticas econômicas e sociais.*

Subcomandante Marcos

*Para a figura denominada oxímoro, aplica-se a uma palavra um epíteto que parece contradizê-la; assim os gnósticos falarão de uma luz escura; os alquimistas, de um sol negro.*

Jorge Luis Borges

dirigida pelo poder financeiro. Juntas, a tecnologia e a informática (e com elas o capital financeiro) diminuiram distâncias e romperam fronteiras. Hoje é possível ter informações sobre qualquer parte do mundo, a qualquer momento e de forma simultânea. Mas também o dinheiro tem agora o dom da ubiqüidade, move-se de maneira vertiginosa, como se estivesse em todas as partes ao mesmo tempo. E mais, o dinheiro dá uma nova forma ao mundo, a forma de um mercado, de um megamercado.

No entanto, apesar da globalização do planeta, ou melhor, precisamente por ela, a homogeneidade está longe de ser a característica dessa troca de século e milênio. O mundo é um arquipélago, um quebra-cabeças cujas peças se tornam outros quebra-cabeças e a única coisa realmente globalizada é a proliferação do heterogêneo.

Se a tecnologia e a informática estão unindo o mundo, o poder financeiro utiliza-as como armas, como armas em uma guerra. Antes havíamos dito (o texto se chama "Sete peças soltas no quebra-cabeças mundial", EZLN, 1997) que na globalização trava-se uma guerra mundial, a quarta, e que se desenvolve um processo de destruição/despovoamento e

### **Advertência, introdução e promessa**

**A**tenção: se você não leu a epígrafe, é bom que o faça agora, porque pode não entender algumas coisas. Um fato irrefutável: a globalização está aqui. Não a qualifico ainda, simplesmente assinalo uma realidade. Porém, posto que oxímoro, é preciso assinalar que se trata de uma globalização fragmentada.

O Estado Nacional que conhecíamos está em via de extinção. Em seu lugar, aparecem mercados integrados, ou melhor, lojas de departamentos do grande *shopping* mundial, o mercado globalizado.

A globalização foi possível, entre outras coisas, por duas revoluções: a tecnológica e a da informática. Foi e será

No caso dos intelectuais, haja vista que têm a ver com a sociedade, o poder e o Estado, cabe perguntar: estão padecendo do mesmo processo de destruição/despovoamento e reconstrução/reordenamento?

reconstrução/reordenamento (estou tentando resumir apressadamente, sejam benevolentes) em todo o planeta. Para a construção da nova ordem mundial (planetária, permanente, imediata e imaterial, segundo Ignacio Ramonèt), o poder financeiro conquista territórios e derruba fronteiras, e o consegue fazendo a guerra, uma nova guerra. Uma das baixas dessa guerra é o mercado nacional, base fundamental do Estado nacional. Este último está em via de extinção, ou ao menos o Estado nacional tradicional. Em seu lugar surgem mercados integrados ou, melhor, lojas de departamentos do grande *shopping* mundial, o mercado globalizado.

As conseqüências políticas e sociais dessa globalização constituem um oxímoro reiterado e completo: menos pessoas com mais riquezas, produzidas com a exploração de mais pessoas com menos riquezas, “a pobreza do nosso século não é comparável a nenhuma outra. Não é, como já foi alguma vez, o resultado natural

da escassez, mas o conjunto de prioridades impostas pelos ricos ao resto do mundo”;<sup>1</sup> para uns poucos poderosos o planeta abriu-se cada vez mais; para milhões de pessoas o mundo não oferece lugar e elas vagam errantes de um lado para outro; o crime organizado forma a coluna vertebral dos sistemas jurídicos e dos governos (os ilegais fazem as leis e “cuidam da ordem pública”; e a “integração” mundial multiplica as fronteiras).

Assim, se ressaltarmos algumas das principais características da época atual, diríamos: supremacia do poder financeiro, revolução tecnológica e informática, guerra, destruição/despovoamento e reconstrução/reordenamento, ataques aos Estados nacionais, a conseqüente redefinição do poder e da política, o mercado como figura hegemônica que permeia todos os aspectos da vida

Tudo parece já ter acontecido antes, como um velho filme que se repete com outras imagens, outros recursos, atores diferentes, mas o mesmo roteiro. Como se a pós-modernidade da globalização se vestisse com seu oxímoro e nos presenteasse com uma modernidade arcaica, rançosa e antiga.

humana em todas as partes, maior concentração de riqueza em poucas mãos, maior distribuição de pobreza, aumento da exploração e do desemprego, milhões de sem-teto, delinqüentes que integram o governo, desintegração de territórios. Em resumo: globalização fragmentada.

Bem, segundo essa consideração, no caso dos intelectuais (haja vista que têm a ver com a sociedade, o poder e o Estado) cabe perguntar: estão padecendo do mesmo processo de destruição/despovoamento e reconstrução/reordenamento? Que papel lhes atribui o poder financeiro? Como usam (ou são usados pelos) os avanços tecnológicos e de informática? Que posição têm nessa guerra? Como se relacionam com os combalidos Estados nacionais? Qual o seu vínculo com esse poder e política? Que lugar têm no mercado? E como se posicionam diante das conseqüências políticas e sociais da globalização? Em suma: como se inserem nessa globalização fragmentada?

O mundo teria mudado por e para essa guerra. Se as coisas de fato são assim, os intelectuais clássicos não existiriam mais, nem suas antigas funções. Em seu lugar, uma nova geração de “cabeças pensantes” (para usar um termo criado

pelo comandante zapatista Tacho) teria emergido (ou está por emergir) e teriam novas funções em sua atividade intelectual.

Ainda que pretendamos aqui nos limitar aos intelectuais de direita, serão evidentes algumas observações sobre os intelectuais em geral e sobre suas relações com o poder. Como o propósito deste texto é participar e alentar a polêmica entre os intelectuais de direita e os de esquerda, fica aqui uma reflexão mais profunda (sobre os intelectuais e o poder, e sobre os intelectuais e a trans-

O intelectual seria uma espécie de consciência incômoda e impertinente da sociedade. Um inconformado com tudo: as forças políticas e sociais, o Estado, o governo, os meios de comunicação, a cultura, as artes, a religião e o que o leitor quiser agregar.

formação) para futuros e improváveis escritos.

Saudações, e tenha à mão seu controle remoto. Em um momento começamos [...]

### **A globalização: pay per view**

Na página do calendário, o ano 2000 está entre os séculos XX e XXI. Não me parece tão importante esta contagem de tempo, mas me parece que é um momento adequado para que, por todos os lados, surjam oxímoros. Para não ir muito longe, poderia dizer que esta época é o princípio do fim ou o fim do princípio de “algo”. “Algo”, forma irresponsável de eludir um problema. Porém já se sabe que nossa especialidade não é a solução de problemas, e sim sua criação. “Sua criação?” Não, é muito presunçoso, melhor seria dizer sua proposição. Sim, nossa especialidade é propor problemas. Tudo parece já ter acontecido antes, como um velho filme que se repete com outras imagens, outros recursos cinematográficos, incluindo atores diferentes, mas com o mesmo roteiro. Como se a modernidade (ou a “pós-modernidade”, deixo a precisão para quem se dê ao trabalho) da globalização se vestisse com seu oxímoro e nos presentearse com uma modernidade arcaica, rançosa e antiga.

Se isto que digo lhes parece mera apreciação subjetiva, atribua ao fato de estarmos na montanha, resistindo e em rebeldia, mas conceda-nos o privilégio da leitura e veja se se trata de um sintoma a

Aparece assim a divisão entre intelectuais progressistas e reacionários. Enquanto os primeiros continuam na crítica da imobilidade, da permanência, da hegemonia e do homogêneo, os reacionários fazem a crítica à mudança, ao movimento, à rebelião e à diversidade.

mais de “mal de montanha”, ou você compartilha desta sensação de *dejà vu* que flui pelo hipercinema que é este mundo globalizado.

O mundo não é quadrado, pelo menos isso é o que nos ensinam na escola. Porém, no fio cortante da união dos milênios, o mundo também não é redondo. Ignoro qual seja a figura geométrica adequada para representar a forma atual do mundo, mas, haja vista que estamos na época da comunicação digital audiovisual, poderíamos tentar defini-la como uma gigantesca tela. Você pode agregar “uma tela de televisão”, ainda que eu prefira “uma tela de cinema”. Não apenas por preferir o cinema, também (e acima de tudo) porque me parece que há na nossa frente uma película, uma velha película, modernamente velha (para seguir com oxímoro).

É, além disso, uma dessas telas onde se pode programar a apresentação simultânea de várias imagens (*picture in picture*, a chamam). No caso do mundo globalizado, de imagens que se sucedem em qualquer rincão do planeta. Mas ali não estão todas as imagens. E não por falta de espaço na tela, mas porque “alguém” selecionou estas imagens e não outras. Quer dizer, estamos vendo uma tela com diversos quadros que apresentavam imagens simultâneas – de diferentes partes do mundo, é certo –, mas nem todo o mundo está ali.

Ao chegar neste ponto, a gente se pergunta, inevitavelmente, “quem tem o controle remoto desta tela audiovisual? E quem faz a programação?”. Boas perguntas, mas você não encontrará aqui estas respostas. E não apenas porque não as temos de ciência certa, mas também porque não são o tema deste texto.

Posto que não podemos trocar de canal no cinema, vejamos alguns dos diferentes quadros que nos oferece a megatela da globalização.

Vamos ao continente americano. Lá você tem, num quadro, a imagem da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam) ocupada por um grupo paramilitar do governo: a chamada Polícia

Federal Preventiva. Não parece que estes homens de uniforme cinza estejam estudando. Mais adiante, demarcada pelas montanhas do sudeste mexicano, uma coluna de tanques blindados cinza cruza uma comunidade indígena do Chiapas. Do outro lado, a imagem cinza apresenta um policial norte-americano

O novo exige muito, o velho aí está – sendo que basta usar o argumento do “inevitável” para que lhe ofereçam uma cômoda poltrona por conta do Príncipe antes tão criticado.

que detém, com uma violência requintada, um jovem em um lugar que pode ser Seattle ou Washington.

No quadro europeu proliferam também os cinzas. Na Áustria, é Joer Heider e seu fervor pró-nazismo. Na Itália, com a ajuda desinteressada de D’Alema, Silvio Berlusconi arruma a gravata. No Estado Espanhol, Felipe Gonzáles maquia o rosto de José Maria Aznar. Na França é Le Pen quem nos sorri.

A Ásia, África e Oceania apresentam a mesma cor, que se repete nos seus respectivos rincões.

Humm [...] tantos cinzas [...] Humm [...] nós podemos protestar [...] depois de tudo, eles nos prometeram um programa multicor [...] Pelo menos, aumentemos o volume. Vamos tentar entender que isso é [...]

## Um esquecimento memorável

Como a globalização fragmentada, os intelectuais estão aí, são uma realidade da sociedade moderna. E o “estar aí” deles não se limita à época atual, remonta aos primeiros passos da sociedade humana. Mas a arqueologia dos intelectuais escapa a nosso conhecimento e possibi-

A reflexão e a análise crítica não estão no “arsenal” da direita intelectual. Como cantar as glórias da nova ordem mundial se um grupo de indígenas “pré-modernos” não apenas desafia o poder, mas também conquista a simpatia de uma importante faixa dos intelectuais?

lidades, por isso partimos do fato de que “estão aí”. Em todo caso, o que nos propomos a descobrir é a sua forma de “estar aí”.

“Os intelectuais enquanto categoria são algo muito vago, já se sabe. Diferente, por outro lado, é definir a ‘função intelectual’. A função intelectual consiste em determinar criticamente o que se considera uma aproximação satisfatória do próprio conceito de verdade; e qualquer um pode desenvolvê-la, inclusive um marginal que reflita de alguma forma sobre sua própria condição e de alguma maneira a expresse, enquanto um escritor pode traí-la por reagir aos acontecimentos com paixão, sem impor o crivo da reflexão.”<sup>2</sup>

Se é assim, então o trabalho intelectual é, fundamentalmente, analítico e crítico. Diante de um fato social (para nos limitar a um universo), o intelectual analisa o evidente, o afirmativo e o negativo, buscando o ambíguo, o que não é nem uma coisa nem outra (embora assim se apresente) e mostra (comunica, desvenda, denuncia), não apenas o que não é evidente, mas, inclusive, o que se contradiz ao evidente.

É de se supor que nas sociedades humanas existam pessoas que se dedicuem profissionalmente a esta análise crítica e a comunicar seus resultados. Nas palavras de Norberto Bobbio: “Os intelectuais são todos aqueles para os quais transmitir mensagens é a ocupação

habitual e consciente [...] e, falando de uma maneira que pode até parecer brutal, quase sempre representa a maneira de ganhar o pão de cada dia”. Fiquemos com esta aproximação ao intelectual, ao profissional da análise crítica e da comunicação.

Já havíamos sido advertidos de que o intelectual nem sempre exerce a função intelectual. “A função intelectual se exerce sempre com antecedência (ao que pode acontecer) ou com atraso (sobre o que já aconteceu); raramente sobre o que está acontecendo, por razões de ritmo,

Refuncionalizados na globalização fragmentada, os intelectuais de direita modificam seu ser e adquirem novas “virtudes”: uma audaz covardia e uma profunda banalidade. Podem dar-se ao luxo, já que a hegemonia quase absoluta do dinheiro os protege com torres de vidro blindado.

porque os acontecimentos são sempre mais rápidos e urgentes que a reflexão sobre os acontecimentos.”<sup>3</sup>

Por sua função intelectual, este profissional da análise crítica e sua comunicação seria uma espécie de

consciência incômoda e impertinente da sociedade (nesta época da sociedade globalizada) em seu conjunto e de suas partes. Um inconformado com tudo, com as forças políticas e sociais, com o Estado, com o governo, com os meios de comunicação, com a cultura, com as artes, com a religião e mais o que o leitor quiser agregar. Se o ator social diz “aqui está”, o intelectual murmura, cético: “falta”, ou “sobra algo”.

Teríamos então que o intelectual em seu papel é um crítico da imobilidade, um promotor da mudança, um progressista. No entanto, este comunicador de idéias críticas está inserido em uma sociedade polarizada, confrontada entre si mesma de muitas maneiras e com diferentes argumentos, mas dividida fundamentalmente entre os que usam o poder para que as coisas não mudem e os que lutam pela mudança. “O intelectual deve, por um elementar sentido de ridículo, compreender que não lhe é outorgado um papel de bruxo do espírito em torno do qual vai girar o ser ou não ser histórico, mas evidentemente ele tem conhecimentos [...] que pode alinhar em um ou outro sentido histórico. Pode alinhar na busca da elucidação das injustiças presentes no mundo atual ou na cumplicidade com a paralisação e a instalação do Limbo.”<sup>4</sup>

E é aqui que o intelectual opta, elege, escolhe entre sua função intelectual e a função que lhe propõem os atores sociais. Aparece assim a divisão (e a luta) entre intelectuais progressistas e reacionários. Ambos seguem trabalhando com a comunicação de análise crítica, mas enquanto os progressistas continuam na crítica da imobilidade, da permanência, da hegemonia e do homogêneo, os reacionários desenvolvem a crítica à mudança, ao movimento, à rebelião e à diversidade. O intelectual reacionário “esquece” sua função intelectual, renuncia à reflexão crítica e sua memória opera de modo que não exista passado ou futuro. O presente e o imediato são o único tempo possível e, por isso, inquestionável.

Ao dizer “intelectuais progressistas e reacionários” nos referimos aos intelectuais “de esquerda e de direita”. Aqui convém lembrar que o intelectual de esquerda exerce sua função intelectual, ou seja, sua análise crítica também perante a esquerda (social, partidária, ideológica), mas na época atual sua crítica é fundamentalmente dirigida ao poder hegemônico: o dos senhores do dinheiro e quem os representa no campo da política e das idéias.

Deixemos agora os intelectuais progressistas e de esquerda, e vamos aos

O papel do teólogo neoliberal inclui denunciar e perseguir os “hereges”, os “mensageiros do mal” - ou seja, os intelectuais de esquerda. E há melhor forma de combater os críticos que acusá-los de “messianismo”?

intelectuais reacionários, a direita intelectual.

### O pragmatismo intelectual

No princípio os gigantes intelectuais de direita foram progressistas. Falo dos grandes intelectuais de direita, os “think tanks” da reação, não dos anões que foram ingressando aos seus clubes “pensantes”. Octavio Paz, excelente poeta e ensaísta, o maior intelectual de direita dos últimos anos no México, declarou: “Venho do pensamento chamado de esquerda. Foi algo muito importante na minha formação. Não sei agora [...] a única coisa que sei é que meu diálogo - às vezes minha discussão - é com eles (os intelectuais de esquerda). Não tenho muito para falar com os outros”.<sup>5</sup> Casos como o de Paz se repetem pela megatela global.

O intelectual progressista, enquanto comunicador de análise crítica, se

converte em objeto e objetivo para o poder dominante. Objeto a comprar e objetivo a destruir. Enormes recursos são mobilizados para as duas coisas. O intelectual progressista “nasce” em meio a este ambiente de sedução persecutória. Alguns resistem e se defendem (quase sempre sozinhos, a solidariedade entre grupos não parece ser a característica do intelectual progressista), mas outros, talvez fatigados, vasculham sua bagagem de idéias e tiram as que são ao mesmo tempo crítica e razão para legitimar o poder. O novo exige muito, o velho aí está, sendo que basta usar o argumento de “inevitável” para que lhe ofereçam uma cômoda poltrona (às vezes em forma de bolsa de estudos, posição, prêmio, espaço) por conta do Príncipe antes tão criticado.

“O inevitável” tem nome hoje: globalização fragmentada, pensamento único - isto é, “a tradução em termos ideológicos e com pretensão universal dos interesses de um conjunto de forças econômicas, em particular as do capital internacional”.<sup>6</sup> Fim da história, onipresença e onipotência do dinheiro, substituição da política pela polícia, o presente como único futuro possível, racionalização da desigualdade social, justificação da sobreexploração dos seres humanos e recursos naturais, racismo, intolerância, guerra.

Estamos na “era visual”. As informações apresentam-se na evidência de sua imediatez, portanto é real o que nos é mostrado, portanto é verdadeiro o que vemos. Não há lugar para a reflexão intelectual crítica, no máximo há espaço para comentaristas que “completem” a leitura da imagem.

Em uma época marcada por dois novos paradigmas, comunicação e mercado, o intelectual de direita (e o esquerdo) entende que ser “moderno” significa seguir o *slogan*: adaptem-se ou percam vossos privilegiados lugares!

Não é necessário nem ser original, o intelectual de direita já tem o canteiro de onde haverá de tirar as pedras que adornem a globalização fragmentada: o *pensamento único*. A assepsia não importa muito, o pensamento único tem suas principais “fontes” no Banco Mundial, no Fundo Monetário Internacional, na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, na Organização Mundial do Comércio, na Comissão Européia, no Bundesbank, no Banco da França “que, mediante seu financiamento, alinham a serviço de seus

ideais, em todo o planeta, numerosos centros de investigação, universidades e fundações, os quais, por sua vez, anunciam e difundem a boa nova”.<sup>7</sup>

Com tal abundância de recursos, é fácil que floresçam elites que, *há muitos anos, empenham-se a fundo em fazer o elogio ao “pensamento único”*; que exercem uma verdadeira chantagem contra toda reflexão crítica em nome da “modernização”, do “realismo”, da “responsabilidade” e da “razão”; que afirmam o “caráter inevitável” da atual evolução das coisas; que propõem a capitulação intelectual, que condenam à escuridão irracional todos aqueles que se negam a aceitar que “o estado natural da sociedade é o mercado”.<sup>8</sup>

Longe da reflexão, do pensamento crítico, os intelectuais de direita tornam-se pragmáticos por excelência, exilados da função intelectual e transformados em ecos, mais ou menos estilizados, dos *spots* publicitários que inundam o megamercado da globalização fragmentada.

Refuncionalizados na globalização fragmentada, os intelectuais de direita modificam seu ser e adquirem novas “virtudes” (entre elas reaparece o oxímoro): uma audaz covardia e uma profunda banalidade. Ambas brilham em

suas “análises” do presente globalizado e suas contradições, suas revisões do passado histórico, suas clarividências. Podem dar-se ao luxo da audaz covardia e da profunda banalidade, já que a hegemonia universal quase absoluta do dinheiro os protege com torres de vidro blindado. Por isso, a direita intelectual é particularmente sectária e tem, além disso, o respaldo de não poucos meios de comunicação e governos. Ingressar nessas altas torres intelectuais não é fácil,

Se no hipermercado da globalização o Estado Nacional se redefine como uma empresa a mais, os governantes como gerentes de vendas e os exércitos e polícias como agências de vigilância, então a direita intelectual faz o papel de relações públicas.

é preciso renunciar à imaginação crítica e autocrítica, à inteligência, à argumentação, à reflexão, e optar pela nova teologia: a teologia liberal.

Posto que a globalização vende-se como o melhor dos mundos possíveis, mas carece de exemplos concretos de vantagens para a humanidade, é preciso recorrer à tecnologia e substituir com

dogmas e fé neoliberal a falta de argumentos. O papel do teólogo neoliberal inclui denunciar e perseguir os “hereses”, os “mensageiros do mal”, ou seja, os intelectuais de esquerda. E que melhor forma de combater os críticos que acusá-los de “messianismo”?

Diante do intelectual de esquerda, o de direita impõe o rótulo lapidar de “messianismo tresloucado”. Quem pode questionar um presente pleno de liberdades, onde qualquer um pode decidir o que comprar, sejam artigos de primeira necessidade, ideologias, propostas políticas e comportamentos para qualquer ocasião?

Mas o paradoxo não perdoa. Se em algum lado há messianismo, é na direita intelectual. “O Grande Circo de Intelectuais Neoliberais Quimicamente Puros ou Ex-Marxistas Arrependidos ou a Trilateral pode ser messiânico quando presagia a fatalidade de um universo baseado em uma verdade única, o mercado único e o exército – gendarme único vigiando o brilho do *flash* que registra a foto final da História, disparado ante as melhores paisagens das melhores sociedades abertas.”<sup>9</sup>

A foto final. O cenário culminante do filme da globalização.

## Os clarividentes cegos

Parafrazeando Régis Debray, o problema aqui não é por que ou como a globalização é irremediável, mas sim por que todo o mundo, ou quase, acredita que ela seja irremediável. Uma resposta

Mais do que suprimir a história, o príncipe neoliberal instrui seus intelectuais para que a refaçam, de maneira que o presente seja o fim dos tempos.

possível: “A tecnologia do fazer-criar [...] O poder da informação [...] *In-formar*: dar forma, formatar. *Con-formar*: dar conformidade. *Trans-formar*: modificar uma situação”.<sup>10</sup>

Com a globalização da economia, globaliza-se também a cultura. E a informação. Normal, portanto, que as grandes empresas de comunicação “estendam” sobre o mundo inteiro sua rede eletrônica, sem que nada nem ninguém as impeça. “Nem Ted Turner, da CNN; nem Rupert Murdoch, da News Corporation Limited; nem Bill Gates, da Microsoft; nem Jeffrey Vinik, da Fidelity Investments; nem Larry Rong, do China Trust and International Investment; nem

Robert Allen, da ATT; assim como George Soros ou dezenas de outros novos amos do mundo, submeteram jamais seus projetos ao sufrágio universal.”<sup>11</sup>

Na globalização fragmentada, as sociedades são fundamentalmente sociedades midiáticas. As mídias são o grande espelho, não do que uma sociedade é, mas do que deve aparentar. Plena de tautologias e evidências, a sociedade midiática é avara em razões e argumentos. Aqui, repetir é demonstrar.

E o que se repete são as imagens, como este cinza que nos mostra agora a grande tela globalizada. Debray nos disse: “A equação da era visual é algo assim como: o visível = o real = o verdadeiro. Eis aqui a idolatria revisitada (e sem dúvida redefinida)”.<sup>12</sup> Os intelectuais de direita têm aprendido bem sua lição. Mais, é um dos dogmas de sua teologia.

Onde se deu o salto que iguala o visível ao verdadeiro? Truques da tela globalizada.

O mundo inteiro, melhor ainda, o conhecimento inteiro está à mão de qualquer um com uma televisão ou um computador portátil. Sim, mas não qualquer mundo e não qualquer conhecimento. Debray explica que o centro de gravidade das informações foi deslocado



do escrito para o audiovisual, do signo para a imagem. As vantagens para os intelectuais de direita (e as desvantagens para os progressistas) são óbvias.

Analisando o comportamento da informação na França durante a Guerra do Golfo, se revela o poder das mídias: no começo do conflito, 70% dos franceses mostravam-se hostis à guerra; no final, a mesma porcentagem aprovava-a. Sob o bombardeio das mídias, a opinião pública francesa “mudou” e o governo obteve as vantagens por sua participação bélica.

Estamos na “era visual”. Assim, as informações apresentam-se na evidência de sua imediatez, portanto, é real o que nos é mostrado, é verdadeiro o que vemos. Não há lugar para a reflexão intelectual crítica; no máximo há espaço para comentaristas que “completem” a leitura da imagem. O visual desta era não foi feito para ser visto, mas para oferecer “conhecimento”. O mundo tornou-se uma mera representação multimídia, que omite o mundo exterior, capaz de ser conhecida na mesma medida em que é vista. Sim, indícios do terceiro milênio, século XXI, e a filosofia flutuante em nosso mundo “moderno” é o idealismo absoluto.

Já se pode tirar algumas conclusões:

o novo intelectual de direita tem que desempenhar sua função legitimadora na era visual; optar pelo direto e imediato; passar do signo à imagem e da reflexão ao comentário televisivo. Nem ao menos tem que se esforçar para legitimar um sistema totalitário, brutal, genocida, racista, intolerante e excludente. O mundo que é objeto de sua “função intelectual” é o apresentado pelos meios

A história inteira do país está sendo refeita para demonstrar que estamos, agora, no melhor dos Méxicos possíveis. Dessa maneira os anões da direita intelectual revisam o passado e nos vendem uma nova imagem de Porfírio Díaz, de Santa Ana, de Calleja, de Cárdenas.

de comunicação: uma representação virtual. Se no hipermercado da globalização o Estado nacional se redefine como uma empresa, os governantes como gerentes de vendas e os exércitos e polícias em agências de vigilância, então a direita intelectual faz o papel de relações públicas.

Em outras palavras, na globalização, os intelectuais de direita são “multiuso”,

coveiros da análise crítica e da reflexão, ilusionistas nas rodas de moinho da teologia neoliberal, “pontos” de governos que esqueceram o “script”, comentaristas do evidente, instigadores de soldados e polícias, juízes gnósticos que separam em rótulos de “verdadeiro” e “falso” o que lhes convém. Guarda-costas teóricos do Príncipe, e anunciadores da “nova história”.

## O futuro passado

“Queimar livros e erguer fortificações é tarefa comum dos príncipes”, disse Jorge Luis Borges. E acrescenta que todo príncipe quer que a história comece a partir dele. Na era da globalização fragmentada não se queimam livros (embora ergam-se fortificações), eles apenas são substituídos. Mesmo desta maneira, mais que suprimir a história, o Príncipe neoliberal instrui seus intelectuais para que a refaçam, de maneira que o presente seja o fim dos tempos.

“Os maquiadores da história”, assim Luis Hernández Navarro intitulou um artigo dedicado ao debate com os intelectuais de direita no México.<sup>13</sup> Além de provocar o presente texto (escrito com a intenção de dar seguimento às suas posições), Hernández Navarro adverte sobre uma nova ofensiva: a nova direita

intelectual dirige suas baterias contra figuras representativas da intelectualidade progressista mexicana. “Rentista tardia da tranqüilidade planetária do ‘pensamento único’, renegada de sua identidade, herdeira de papel passado da queda do muro de Berlim, sócia e emuladora do circuito cultural conservador norte-americano, esta direita está convencida de que a crítica cultural outorga credenciais suficientes para emitir, sem argumentação, juízos sumários a seus adversários no terreno político.”

As razões não-ideológicas deste ataque devem ser buscadas na disputa pelo espaço de credibilidade. No México os intelectuais de esquerda têm grande influência na cultura e na universidade. Estorvam, esse é o seu delito.

Ou melhor, este é *um* de seus delitos. Outro é o apoio desses intelectuais progressistas à luta zapatista por uma paz justa e digna, pelo reconhecimento dos direitos dos povos indígenas e pelo fim da guerra contra os índios do país. Este pecado não é menor. “O levante zapatista inaugura uma nova etapa, a do começo dos movimentos indígenas como atores da oposição à globalização neoliberal.”<sup>14</sup> Não somos os melhores nem os únicos: aí estão os indígenas do Equador e do Chile, os protestos em Seattle e Washing-

ton (e os que se seguem em ordem cronológica, não em importância). Mas somos uma das imagens que distorcem a megatela da globalização fragmentada e, como fenômeno social e histórico, demandamos reflexão e análise crítica.

E a reflexão e a análise crítica não estão no “arsenal” da direita intelectual. Como cantar as glórias da nova ordem mundial (e sua imposição no México) se um grupo de indígenas “pré-modernos” não apenas desafia o poder, mas também conquista a simpatia de uma importante faixa dos intelectuais? Em consequência,

Num texto chamado “O fascismo eterno”, Umberto Eco dá algumas chaves para entender que o fascismo segue latente na sociedade moderna e que, mesmo sem campos de extermínio, alguns lugares do planeta assistem ao que se chama “Ur Fascismo”.

o Príncipe ditou suas ordens: “ataquem uns e outros, eu entro com o exército e os meios de comunicação, vocês, com as idéias”. Assim a nova direita intelectual dedicou zombarias e calúnias a seus pares da esquerda. Aos indígenas rebeldes zapatistas, nos dedicou [...] uma nova história.

E, enquanto o zapatismo teve impacto internacional, a direita intelectual, em várias partes do mundo (não apenas no México), dedicou-se a esta tarefa. Os intelectuais de direita não apenas maquiavam a história, refazem-na, reescrevem-na à conveniência do Príncipe e à maneira de sua função intelectual.

Mas voltemos ao México. “Ao longo deste século, os intelectuais no México têm desempenhado funções diversas: cortesãos de luxo do poder de turno, decoração do Estado, vozes dissidentes (que, para institucionalizar-se, são chamadas Consciências Críticas), intérpretes privilegiados da história e da sociedade, espetáculos em si mesmos.”<sup>15</sup>

O último grande intelectual de direita no México, Octavio Paz, cumpriu cabalmente o trabalho encomendado pelo Príncipe. Não economizou palavras para desprestigiar os zapatistas e quem mostrasse simpatia por sua causa (atenção: não por sua forma de luta). Uma das melhores mostras de Paz a serviço do Príncipe está em seus textos e declarações do início de 1994. Ali, Octavio Paz definia não o EZLN, mas sim os argumentos sobre os quais seus soldados intelectuais deveriam se aprofundar: maóismo, messianismo, fundamentalismo,

Olhe você para a megatela, todos estes cinzas são a resposta à desordem. É o que é necessário para enfrentar quem se nega a desfrutar o mundo virtual da globalização e resiste. E, no entanto, parece que o número de descontentes cresce.

e alguns outros “ismos” que agora escapam à memória. Diante dos intelectuais progressistas, Paz não economizou acusações: eles eram responsáveis pelo “clima de violência” que marcou o ano de 1994 (e todos os anos do México moderno, mas a direita intelectual nunca brilhou por sua memória histórica). Concretamente, pelo assassinato do candidato oficial à presidência da República, Colosio. Anos depois, antes de morrer, Paz retificaria e assinalaria que o sistema estava em crise e que, mesmo sem o levante zapatista, estes fatos ocorreriam de qualquer forma.<sup>16</sup>

Nenhum dos atuais herdeiros de Paz têm sua estatura, mesmo que não lhes falte ambição para ocupar seu lugar. Não como intelectuais, pois lhes falta inteligência e brilho, mas pelo lugar privilegiado que ocupou ao lado do Príncipe. Ainda assim, fazem sua luta. E seguem empenhados em criar, para o zapatismo, uma

história que lhes seja cômoda – não apenas para atacá-lo, mas sim, sobretudo, para evitar a análise crítica e a reflexão séria e responsável.

Mas não apenas a história do zapatismo e dos povos indígenas os intelectuais de direita reescrevem. A história inteira do México está sendo refeita para demonstrar que estamos, agora, no melhor dos Méxicos possíveis. É dessa maneira que os anões da direita intelectual revisam o passado e nos vendem uma nova imagem de Porfirio Díaz, de Santa Ana, de Calleja, de Cárdenas.

E esta ânsia de reescrever a história não é exclusiva do México. Na tela da globalização, já nos é oferecida uma nova versão, onde o holocausto nazista contra os judeus foi uma espécie de Disneylândia seletiva, Adolf Hitler é uma espécie de alegre Mickey Mouse ariano e, mais recentemente, as guerras do Golfo e de Kosovo foram “humanitárias”. No futuro passado que nos prepara a direita intelectual, a globalização é o *deus ex machina* que trabalha sobre o mundo para preparar seu próprio advento.

Mas, essas imagens cinza que nos mostra agora a megatela da globalização, que futuro anunciam?

Que a direita fascista e a nova direita intelectual estejam prontas para mostrar suas habilidades aos senhores do dinheiro não surpreende. O desconcertante é que, algumas vezes, são a social-democracia ou a esquerda institucional quem lhes prepara o caminho.

## O liberal fascista

Eu digo que este filme já foi visto antes, e se não nos lembramos é porque a história não é um artigo atrativo no mercado globalizado. Esses cinzas podem significar algo: a reaparição do fascismo.

Paranóia? Umberto Eco, em um texto chamado “O fascismo eterno”, de obra já citada, dá algumas chaves para entender que o fascismo segue latente na sociedade moderna e que, ainda que pouco provável que se repitam os campos de extermínio nazistas, alguns lugares do planeta assistem ao que se chama “Ur Fascismo”. Depois de advertir que o fascismo era um totalitarismo *fuzzy*, ou seja, disperso, difuso em todo o social, propõe algumas de suas características: rejeição ao avanço do saber, irracionalismo, cultura suspeita de fomentar

atitudes críticas, o que não está de acordo com o hegemônico é uma traição, medo da diferença e racismo, surge da frustração individual ou social, xenofobia, os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais, a vida é uma guerra permanente, elitismo aristocrático, sacrifício individual para o benefício da causa, machismo, populismo qualitativo difundido pela televisão, “neolinguagem” (de léxicos pobres e sintaxe elementar).

Todas estas características podem ser encontradas nos valores que defendem e difundem as mídias e os intelectuais de direita na era visual, na era da globalização fragmentada. “Será que hoje, assim como ontem, não se está usando o cansaço democrático, a náusea diante do nada, o desconcerto perante a desordem como aval para uma nova situação histórica de exceção que requer um novo autoritarismo persuasivo, unificador da cidadania em clientes e consumidores de um sistema, um mercado, uma repressão centralizada?”, pergunta Manuel Vázquez Montalbán, em obra já citada.

Olhe você para a megatela, todos estes cinzas são a resposta à desordem. É o que é necessário para enfrentar quem se nega a desfrutar o mundo virtual da globalização e resiste. E, no entanto, parece que o número de descontentes

Na complicada geometria política europeia, a chamada “terceira via” não apenas tem resultado letal para a esquerda, mas também tem sido o ponto de partida do neofascismo.

cresce. Um dos anões mexicanos que aspiram a ocupar a cadeira deixada por Octavio Paz constatava, terrificado, que em pesquisa feita no México, em 1994, pelo Instituto de Investigações Sociais da Unam, 29% dos entrevistados diziam que as leis não devem ser obedecidas, se injustas. Em novembro de 1999, para 49% das pessoas pesquisadas na revista *Educación 2001*, a resposta à pergunta “Pode o povo desobedecer às leis se elas parecem injustas?” era *sim*. Depois de reconhecer que é preciso resolver problemas de crescimento econômico, educação, emprego e saúde, assinalava o autor: “Todas estas coisas só podem ser alcançadas se a sociedade está segura num piso mais básico, que é o da segurança pública e do cumprimento da lei. Este piso está cheio de buracos no México, e tende a piorar.”<sup>17</sup> O raciocínio é sintomático: na falta de legitimidade e consenso, polícia!

O clamor da direita intelectual por “ordem e legalidade” não é exclusividade

do México. Na França, o fascista Le Pen está disposto a responder ao chamado. Na Áustria, o neonazista Heider já está pronto, assim como o franquista Aznar na Espanha. Na Itália, Berlusconi (aliás, o “Duce Multimedia”) e Gianfranco Fini se aprontam para o momento.

A Europa comparece novamente ao balcão do fascismo? Soa duro [...] e distante. Mas aí estão as imagens da megatela. Estes *skinheads* que mostram seus porretes na esquina: estão na Alemanha, na Inglaterra, na Holanda? “São minoritários e estão sob controle”, nos tranqüiliza o áudio da megatela. Mas parece que o fascismo renovado nem sempre tem a cabeça raspada e o corpo tatuado com suásticas. Mesmo assim não deixa de ser uma direita sinistra.

Se digo “direita sinistra” pode parecer que jogo com as palavras e recorro novamente a oxímoro, mas quero chamar a atenção sobre algo. Depois da queda do Muro de Berlim, o espectro político europeu, na sua maioria, correu atropeladamente ao centro. Isso é evidente na esquerda tradicional europeia, mas também nos partidos de direita.<sup>18</sup> Com uma máscara moderna, a direita fascista começa a conquistar espaço que já ultrapassa em muito as notas policiais na mídia. Isso só é possível porque há um

esforço para construir uma nova imagem, distante do passado violento e autoritário, essa direita está se apropriando da teologia neoliberal com uma facilidade espantosa (por algo será), e também porque em suas campanhas eleitorais insiste-se muito em temas de segurança

“Está aberta, na Europa, uma crise de civilização. Poderíamos narrar milhares de episódios de barbárie cotidiana, de violência gratuita, de agressão ou tráfico de pessoas, de corpos, de órgãos. E acima de tudo, com uma grossa capa de indiferença, como se a vida tivesse perdido o sentido”.

pública e emprego (alertando contra a “ameaça” dos imigrantes). Alguma diferença das propostas da social-democracia ou da esquerda tradicional?

O fascismo espreita por trás da “terceira via” europeia, e também da esquerda que não se define (em teoria e prática) contra o neoliberalismo. Às vezes, a direita pode vestir-se com os trapos da esquerda. No México, no recente debate televisivo entre os seis candidatos à presidência da República, o

candidato que obteve consenso da direita intelectual foi Gilberto Rincón Gallardo, do Partido Democrata Social, aparentemente de esquerda. Por acaso a televisão não mostrou que alguns dos militantes e candidatos do PDS em Chiapas são líderes de vários grupos paramilitares, responsáveis, entre outras coisas, pelo massacre de Acteal.

Que a direita fascista e a nova direita intelectual estejam prontas para mostrar suas habilidades aos senhores do dinheiro não surpreende. O desconcertante é que, algumas vezes, é a social-democracia ou a esquerda institucional quem lhes prepara o caminho.

Se na Espanha Felipe González (político tão aplaudido pela direita intelectual) trabalhou para a vitória do direito Partido Popular de José María Aznar, na Itália, o caminho pelo qual a direita se dirige ao poder chama-se Massimo D’Alema. Antes de renunciar, D’Alema fez todo o necessário para que a esquerda naufragasse. “D’Alema e os seus financiaram com o dinheiro de todos a educação religiosa e prepararam a privatização da [educação] pública, participaram plenamente da aventura da Otan contra a Iugoslávia e da ocupação virtual da Albânia, privatizaram o que puderam, atentaram contra os aposen-

tados, reprimiram os imigrantes, submeteram-se a Washington, reabilitaram os corruptos e até mesmo a Bettino Craxi, em cuja residência no exílio, como fugitivo da justiça, desfilaram para pedir-lhe ajuda, redigiram uma lei sobre os *carabineros* ditada pelo comando golpista dos mesmos [...]”.<sup>19</sup> Resultado? Boa parte do eleitorado de esquerda se absteve de votar.

Na complicada geometria política europeia, a chamada terceira via não apenas tem resultado letal para a esquerda, mas também tem sido o ponto de partida do neofascismo.

Talvez esteja exagerando, mas “a memória é uma faculdade estranha. Quanto mais intenso e isolado é o estímulo que a memória recebe, mais lembra-se; quanto mais amplo, menos intensa é a lembrança”,<sup>20</sup> e eu suspeito que esta avalanche de imagens cinza na tela é para que lembremos com menos intensidade, com preguiça, desejando esquecer.

E se os livros não mentem (ver Umberto Eco, em obra citada), foi o fascismo italiano que chamou muitos líderes liberais europeus porque consideravam que estavam levando a cabo interessantes reformas sociais, e poderiam ser uma alternativa à “ameaça comunista”.

Em agosto de 1997, Fausto Bertinotti (secretário do Partido de Refundação Comunista italiano) escreveu em uma carta ao EZLN: “Está aberta, na Europa,

O horizonte anuncia a tempestade, e a direita intelectual trata de nos tranquilizar dizendo que não é mais que uma chuva. Tudo para garantir seu lugar junto ao Príncipe.

Protegei-o! Não importa que sua camisa seja cinza e em seu aconchegante seio se cultive o ovo da serpente.

uma verdadeira crise de civilização. Poderíamos, infelizmente, narrar centenas, milhares de episódios de barbárie cotidiana, de violência gratuita, de agressão a pessoas, ao corpo, de tráfico de pessoas, de corpos, de órgãos, sem nenhum sentido. E acima de tudo, com uma grossa capa de indiferença, como se a vida tivesse perdido o sentido. Poderia contar coisas que acontecem na periferia urbana, realidade e metáfora da tragédia humana em que se transformou este novo ciclo de desenvolvimento capitalista”.

Diante desta vida sem sentido, o liberal fascista oferece sua cara amável

e argumenta, ressaltando suas bondades, em favor do recurso à violência legalizada, institucional.

O horizonte anuncia a tempestade, e a direita intelectual trata de nos tranquilizar dizendo que não é mais que uma chuva, sem importância. Tudo para garantir o pão, o sal [...] e seu lugar junto ao Príncipe. Protegei-o! Não importa que sua camisa seja cinza e em seu aconchegante seio se cultive o ovo da serpente.

“O ovo da serpente.” Sim, se não me engano, é o título de um filme de Bergman que descreve o ambiente em que se gestou o fascismo. E o que fazer? Continuarmos sentados até que termine o filme? Sim? Não? Um momento! Muitos já levantaram de seus lugares e fazem alvoroço! O burburinho aumenta! Alguns atiram objetos na tela e vão para cima! Em vez de dirigir-se à tela, vão para cima! Como se quisessem encontrar o projetor do filme! E parece que o encontraram, pois apontam insistentemente para um lugar lá no alto! Quem são essas pessoas e com que direito interrompem a projeção? Uma delas levanta uma faixa que diz: “Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicamos nossos direitos, rein-

diquemos também o dever de nossos deveres”.<sup>21</sup> O dever de nossos deveres? Que alguém explique, porque não entendemos nada! Silêncio! Alguém toma a palavra...

Que fazer? Continuarmos sentados até que termine o filme? Muitos já levantaram de seus lugares e fazem alvoroço! Alguns atiram objetos na tela e vão para cima! Em vez de dirigir-se à tela, vão para cima! Como se quisessem encontrar o projetor do filme!

### **A cética esperança**

Os intelectuais progressistas. Os de esperança cética. O sociólogo francês Alain Touraine propõe uma classificação deles:<sup>22</sup> o mais clássico é o intelectual que denuncia, onde toda a atenção concentra-se sobre a crítica ao sistema dominante; o segundo tipo identifica-se com tal luta ou tal força de oposição e torna-se seu intelectual orgânico; o terceiro crê na existência, na consciência e na eficácia dos atores, ao mesmo tempo que conhece seus limites; o quarto são os utópicos: identificam-se com as novas tendências culturais, da sociedade ou da existência pessoal. Todos eles (e elas, pois ser

intelectual não é privilégio masculino) empenham seus esforços em entender, criticamente, a sociedade, sua história e seu presente, e tratam de desentranhar a incógnita de seu futuro.

Não é nada fácil a vida dos pensadores progressistas. Em sua função intelectual dão-se conta de como vão as coisas e, *noblesse oblige*, devem revelá-las, exibí-las, denunciá-las, comunicá-las. Mas para fazê-lo, precisam enfrentar a teologia neoliberal da direita intelectual, e por trás dela estão a mídia, os bancos, as grandes corporações, os Estados (ou o que resta deles), os governos, os exércitos, as forças policiais.

E devem fazê-lo, além disso, na era visual. Aqui estão em franca desvantagem, pois é preciso levar em conta as grandes dificuldades em que implica enfrentar o poder da imagem unicamente com o recurso da palavra. Mas seu ceticismo

O ceticismo dos pensadores progressistas diante das aparências já lhes permitiu descobrir a trama. E com o mesmo ceticismo estruturam suas análises críticas para desestruturar conceitualmente a máquina das belezas virtuais e as misérias reais. Há esperança?

diante das aparências já lhes permitiu descobrir a trama. E com o mesmo ceticismo estruturam suas análises críticas para desestruturar conceitualmente a máquina das belezas virtuais e as misérias reais. Há esperança?

Fazer da palavra um bisturi e megafone é um desafio descomunal. E não apenas porque nesta época o reino é o da imagem. Também porque o despotismo da era visual confinou a palavra nos bordéis e nas barracas de truques e trapas. “Ainda assim, só podemos confessar nossa confusão e nossa impotência, nossa ira e nossas opiniões, com palavras. Com palavras, nomeamos ainda nossas perdas e nossas resistências porque não temos outro recurso, porque os homens estão inevitavelmente abertos à palavra e porque pouco a pouco são elas que moldam nosso julgamento. Nosso julgamento, temido, amiúde, pelos detentores do poder, molda-se lentamente, como o leito de um rio, por meio de correntes de palavras. Mas as palavras só formam correntes quando elas são profundamente críveis.”<sup>23</sup>

Credibilidade. Algo de que carece a direita intelectual e que, afortunadamente, sobra entre os intelectuais progressistas. Suas palavras produziram, e produzem em muitos, primeiro, a surpresa; depois,

Fazer da palavra um bisturi e megafone é um desafio descomunal. E não apenas porque nesta época o reino é o da imagem. Também porque o despotismo da era visual confinou a palavra nos bordéis e nas barracas de truques e trapas.

a inquietude. Para que essa inquietude não seja abatida pelo conformismo que a era visual prescreve, fazem falta mais coisas que escapam do âmbito do trabalho intelectual.

Mas, mesmo quando a palavra já se transformou em corrente, a função intelectual não termina. Os movimentos sociais de protesto diante do poder (neste caso, a globalização e o neoliberalismo) devem ainda atravessar um longo caminho, não só para conseguir seus objetivos, mas até para se consolidar como alternativa de organização para muitos. Enfim, é preciso reconhecer a responsabilidade particular dos intelectuais. Depende da ação deles, mais do que qualquer outra categoria, saber se o protesto se esgotará em denúncia sem perspectiva ou, ao contrário, levará à formação de novos atores sociais e, indiretamente, a novas políticas econômicas e sociais.<sup>24</sup>

O intelectual progressista se debate continuamente entre Narciso e Prometeu. Às vezes, a imagem no espelho o engana e começa seu inexorável caminho de transmutação num empregado a mais do megamercado neoliberal. Mas às vezes ele quebra o espelho e descobre não apenas a realidade que está por trás do reflexo, mas também outros que não são como ele mas que, como ele, estão quebrando seus respectivos espelhos.

A transformação de uma realidade não é tarefa de apenas um ator, por mais forte, inteligente, criativo e visionário que possa ser. Sozinhos, nem os atores políticos e sociais, nem os intelectuais podem levar a um bom termo essa transformação. É um trabalho coletivo. E envolve não apenas ação, mas também análises da realidade e decisões sobre os rumos e ênfases do movimento de transformação.

Contam que Michelângelo Buonarroti realizou seu *David* com sérias limitações materiais. “O pedaço de mármore sobre o qual esculpiu já havia sido trabalhado por outra pessoa, já tinha perfurações. O talento do escultor consistiu em fazer uma figura que se ajustasse a estes limites intransponíveis e tão restritos, daí a postura, a inclinação da peça final.”<sup>25</sup>

A transformação de uma realidade não é tarefa de apenas um ator, por mais forte, inteligente, criativo e visionário que seja. Sozinhos, nem os atores políticos e sociais, nem os intelectuais podem levar a um bom termo essa transformação.

Da mesma maneira, o mundo que queremos transformar já foi trabalhado antes pela história e tem muitas perfurações. Devemos encontrar o talento necessário para, a partir destes limites, transformá-lo e fazer uma figura simples e sincera: um mundo novo.

Saúde, e não esqueçam que a idéia é também um formão.

Das montanhas do sudeste mexicano.

Subcomandante insurgente Marcos  
México, abril de 2000.

P.S.: Alguém tem um martelo à mão?

\* Marcos, “Nosso próximo programa: Oxímoro!”, em *Le Monde Diplomatique*, trad. Wilson Sobrinho, ano 1, nº 7, São Paulo, agosto 2000.

<sup>1</sup> Jorge Berger, *Cada vez que decimos adiós* (Buenos Aires: Ediciones de la flor, 1977), pp. 278-279.

<sup>2</sup> Umberto Eco, *Cinco escritos morale* (Lumen, s/d.), pp. 14-15. Tradução de Helena Lozano Miralles.

<sup>3</sup> Umberto Eco, *op. cit.*, p. 29.

<sup>4</sup> Manuel Vázquez Montalbán, *Panfleto desde el planeta de los simios* (Barcelona: Drakontos, 1995), p. 48.

<sup>5</sup> Braulio Peralta, *El poeta en su tierra. Diálogos con Octavio Paz* (Madri: Grijalbo, s/d.).

<sup>6</sup> Ignacio Ramonet, *Un mundo sin rumbo. Crisis de fin de siglo* (Madri: Editorial Debate, s/d.).

<sup>7</sup> Ignacio Ramonet, *op. cit.*, p. 111.

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 114.

<sup>9</sup> Manuel Vázquez Montalbán, *op. cit.*, p. 47.

<sup>10</sup> Régis Debray, *Croire, voir, faire* (Paris: Odile Jacob, 1999), p. 193.

<sup>11</sup> Ignacio Ramonet, *op. cit.*, p. 109.

<sup>12</sup> Régis Debray, *op. cit.*, p. 200.

<sup>13</sup> “Ojarasca”, em *La Jornada*, 10 de abril de 2000.

<sup>14</sup> Ivon Le Bot, “Los indígenas contra el neoliberalismo”, em *La Jornada*, 6 de março de 2000.

<sup>15</sup> Carlos Monsiváis, “Intelectuales mexicanos de fin de siglo”, em *Viento del Sur* nº 8, 1996, p. 43.

<sup>16</sup> Braulio Peralta, *op. cit.*

<sup>17</sup> Héctor Aguilar Camín, “Leyes y Crímenes”, em *Esquina. Proceso 1225*, 23 de abril de 2000.

<sup>18</sup> Ver Emiliano Fruta, “La nueva derecha europea”, e Hernán R. Moheno, “Más allá de la vieja izquierda y la nueva derecha”, em *Urbi et Orbi*, Itam, abril de 2000.

<sup>19</sup> Guillermo Almeyra, “La izquierda de la derecha”, em *La Jornada*, 23 de abril de 2000.

<sup>20</sup> Jorge Berger, *op. cit.*, p. 234.

<sup>21</sup> José Saramago, *Discursos de Estocolmo* (Lisboa: Alfaguara, s/d.).

<sup>22</sup> Alain Touraine, *Comment sortir du libéralisme?* (Paris: Fayard, 1999).

<sup>23</sup> Jorge Berger, *op. cit.*, p. 255.

<sup>24</sup> Alain Touraine, *op. cit.*, p. 15.

<sup>25</sup> Pablo Fernández Christlieb, *La afectividad colectiva* (Taurus, s/d.), pp. 164-165.



---

# A AMEAÇA DO FINAL FELIZ

---

Iná Camargo Costa\*

## Coletivo Brecht

A incompreensão da experiência do trabalho coletivo é uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas por quem se interessa pela produção teatral em geral, e, em particular, a da esquerda alemã dos anos 1920. Não apenas porque o componente “autoria” da ideologia dominante continua assombrando os cérebros mais críticos, como também porque foi atropelada a própria experiência histórica que permitiu a Brecht e companheiros desenvolverem durante quase dez anos um dos mais ambiciosos projetos de exposição teatral do capitalismo de que se tem notícia. Estamos evidentemente nos referindo ao período em que foram produzidas ou escritas peças que vão desde *Na selva das*

*ciudades* até *A resistível ascensão de Arturo Ui*. Para não ir muito longe, basta notar que a maioria delas tem Chicago como determinação espacial da ação, tanto para fins de distanciamento (eles estão falando da Alemanha) quanto para fins de reflexão sobre o capitalismo, em particular, a “chamada acumulação primitiva” já em sua dimensão mundial, mas sem prejuízo da permanência de práticas de extrema violência nas relações mais rotineiras, assim como das garantias de respeito e consideração aos “donos da vida”, independente da origem duvidosa, quando não ostensivamente delinqüente, de sua riqueza.<sup>1</sup>

*Happy End*, de 1929, faz parte desse conjunto e, como se sabe, foi assinada por Elisabeth Hauptmann, sob o pseu-



dônimo de Dorothy Lane, cabendo a Brecht a assinatura das canções e a direção do espetáculo, que em pouco tempo foi retirado de cartaz, entrando na rubrica dos fracassos de bilheteria. Consta também que Brecht havia se desinteressado da peça, por estar às voltas com as chamadas “peças didáticas” (iniciadas em 1928), sendo por isso responsável por seu fracasso, e que mais tarde ela acabaria “canibalizada” por ele em favor de sua *A Santa Joana dos matadouros*. Tudo isso é verdade, embora não seja toda ela. Vale a pena indicar alguns pontos que ficam na obscuridade, dando margem a vários tipos de ataque pós-moderno ao dramaturgo.

Como já avisou Jameson em *O método Brecht*,<sup>2</sup> trata-se de manifestação

particular de um processo mais amplo de neutralização e apropriação do dramaturgo para fins de consumo não problemático de sua obra ainda hoje. Assim, no capítulo da crítica construtiva, em nome de valores supostamente feministas, por exemplo, Brecht é acusado de ter explorado todas as mulheres que dele se aproximaram, em particular Elisabeth Hauptmann que, além de ter escrito *Happy End*, seria a verdadeira autora da maioria das peças do conjunto acima referido.<sup>3</sup> O mesmo Jameson também já se encarregou de enquadrar esse tipo de ataque, de modo que não precisamos nos deter sobre isso. Mas não deixa de ser interessante registrar essa curiosa dialética da “atualização” de Brecht: para melhor equipará-lo aos tempos que correm, parece necessário fazer dele um “porco chauvinista” tão hipócrita quanto qualquer patrãozinho do Vale do Silício.

Contra essa tendência vale a pena ao menos mencionar os sonhos que animavam Brecht e seus companheiros durante os “anos dourados” da República de Weimar, pois eles são o motor dessa experiência altamente produtiva da criação de um “coletivo teatral”.

Embora nenhum deles estivesse

vinculado aos partidos,<sup>4</sup> todos apostavam, pelo menos até maio de 1929,<sup>5</sup> que a revolução estava a caminho. Com essa perspectiva, trabalhavam para participar como artistas, num futuro não muito distante, de uma sociedade reorganizada em novas bases, na qual a idéia de propriedade privada, mesmo na arte, não mais faria sentido. Como depois explicou Walter Benjamin, tratava-se de mudar a função da arte pondo em crise as relações de produção, que iam muito além da apropriação privada (pelos donos da indústria cultural, teatro e *show business* incluídos) do trabalho dos artistas. O Coletivo Brecht procurou responder a esse desafio em mais de um sentido e a peça “de Elisabeth Hauptmann” é um exemplo de mais de uma de suas estratégias.

### **Happy End**

Como capítulo importante dos experimentos de encenação do capitalismo, esta peça precisa ser pensada como irônica desde o título. Final feliz para quem, cara pálida? Se personagens envolvidos em operações como assalto a bancos e conversão religiosa a poder de exploração de emoções baratas se dão bem e têm um final feliz, fundando um

banco que deve investir na própria organização religiosa, já sabemos para quem vai sobrar a conta. Pode-se dizer que desde o título a peça está alertando para a necessidade de especificar os beneficiários de qualquer final feliz (desenlace obrigatório do gênero cômico), pois a felicidade de uns pode ser uma ameaça a muitos, como se verá nesta comédia musical.

Uma das especialidades do Coletivo Brecht era a exploração de gêneros convencionais, de clichês em vários níveis, levando-os a limites que revelam suas próprias contradições, ou seus vínculos ideológicos a serem criticados, ou pelo menos indicados. Aqui, a estrutura de comédia salta aos olhos: o mocinho vigarista e a mocinha religiosa se apaixonam, mas estão separados por um abismo (que a peça revelará ser falso, nisto explicitando uma convenção). Graças aos esforços dela, devidamente auxiliada por alguma sorte e uma boa seqüência de quiproquós (ingredientes essenciais à comédia que, como aprendemos principalmente com os clássicos franceses, não deve tratar de assuntos graves nem depender da causalidade substancial, de que só assuntos sérios dependem), o abismo é transposto pelo

mocinho e, com mais algumas peripécias, eles devem se casar e ser felizes para sempre. Sem dúvida, a mais relevante é resultado de um escandaloso reconhecimento, no qual a verdadeira chefe do bando do mocinho, a esta altura empenhada em executá-lo, reencontra seu marido desaparecido entre os companheiros da mocinha. Ora, diria Elisabeth Hauptmann, não foi o próprio Aristóteles quem escreveu que as melhores tragédias são as que têm peripécia e reconhecimento? Sim, responderia seu professor de literatura clássica, mas ele estava falando de tragédia. E nós não estamos? – perguntaria a aluna rebelde. Esta mistura de técnicas tem a idade da *Poética* de Aristóteles, mas agora não interessa explorá-la. Mais produtivo é ver como esse esqueleto foi encarnado.

Na Chicago do início do século XX ocorreu uma batalha épica entre o Exército da Salvação e a quadrilha da Mosca (ou Dama de Cinza), cujo covil era o Bill's Ballhaus (quase saiu Bauhaus, mas não compliquemos demais as coisas), de propriedade do famoso gangster Bill Cracker. Tudo começou quando o covil foi invadido pelas forças do bem, lideradas por Lilian Holiday, também conhecida por Aleluia Lilian.

Acostumada a enfrentar os piores tipos, e estimulada por algumas doses de uísque, Lilian se entusiasma demais no exercício de suas funções missionárias, de modo que acaba surpreendida por seus companheiros de tropa em atitude pouco recomendável para um oficial da sua patente. Tentando evitar sua expulsão do grupo, ela acaba atraindo Bill e demais comparsas para o quartel-general, onde o bandido acaba se convertendo à fé salvaçãoista. Isso não adianta nada, pois ela é expulsa da organização. Procurando abrigo junto a ele, chega numa hora imprópria: como o bando acaba de sair para o assalto a um banco, ela trata de impedir a participação de Bill, seduzindo-o mais uma vez. Neste colóquio, são surpreendidos pela Mosca em pessoa, que determina a morte do traidor que não compareceu ao trabalho. Lilian volta ao exército pedindo readmissão, seguida por Bill, que foge do bando em seu encalço. Com Bill como trunfo, ela reverte sua sorte, mas a Mosca chega para estragar seus planos. É quando esta reconhece em Aníbal o marido desaparecido em missão policial e todos, gangsters e Exército da Salvação, se unem para fundar um banco.

Por esta versão peculiar da velha

história de “mocinha e bandido”, já dá para perceber que os autores da peça estavam de olho em muito mais coisas do que um simples exercício com o gênero comédia.

## Comédia musical

Não satisfeitos com o estrago, os autores desta comédia ainda acharam de fazer dela um musical, mas não um musical qualquer, pois todos tinham críticas importantes ao consumo cultural (e musical) de Berlim. Assim, dando prosseguimento à experiência da *Ópera dos três vinténs*, ficou combinado que aqui também a função das canções seria no mínimo oposta à das árias nas óperas e mesmo nas operetas. Se isso já dera muito certo, nada impediria a experimentação de outras funções épicas.

A propósito de uma delas, Walter Benjamin comenta especificamente a dupla interpretação, por Lilian, do *Tango dos marinheiros*, no Bill's Ballhaus e no Exército da Salvação, quando trata do “gesto citável”, para exemplificar uma das inúmeras providências da peça didática.<sup>6</sup> Mas como no espetáculo do Folias optou-se por outra providência, igualmente reveladora, a seu tempo cuidaremos dela.

Antes de prosseguir no tópico, devemos registrar a dívida dos mais recentes amigos de Brecht para com os seus contemporâneos como Kurt Tucholsky que desde a *Ópera* vinham acusando o nosso poeta de plagiário, pois foram eles que chamaram a atenção para uma das modalidades mais produtivas de reaproveitamento de materiais disponíveis na praça por ele praticado. No caso das canções de *Happy End*, eles registraram que a fonte básica foram poemas de Kipling e hinos do Exército da Salvação. Acrescentemos que, sempre com a função de dar maior alcance à fábula de que passaram a fazer parte, alguns parodiados e outros modificados pela simples interpretação.

Resumindo bastante um conjunto de informações que mereceriam tratamento mais detido, os poemas de Kipling deram material para as seguintes canções de *Happy End*: *Bilbao Song*, interpretada por Bill Cracker; *O tango dos marinheiros*, já referido; *Canção de Mandalay*, interpretada por Sam; e finalmente *Surabaya Johnny*, por Lilian. Não conhecemos comentários sobre *A canção da noz dura*, que deveria fazer parte deste conjunto.

*Bilbao Song* engana porque de Kipling tem apenas a referência geográfica vertiginosa (Bilbao, San Francisco e Brasil): enquanto o poeta inglês trata de experiências de soldados e marinheiros que participam ou participaram ativamente da empresa colonialista britânica (um velho soldado tem saudades de um bordel em alguma cidade da Índia, por exemplo), aqui, Brecht, levando a história para Chicago, faz um gângster lamentar a modernização que transformou um bordel barato num bar que agora (bons tempos da República de Weimar) pode ser freqüentado por mocinhas de família, oferecendo sorvetes, refrigerantes e “música que dá vergonha de pagar”. Quanto a bar “família”, qualquer eco das extravagâncias berlineses dos anos 1920, comentadas com amargura por um Stefan Zweig, por exemplo, pode não passar de associação precipitada, típica de leituras mal-intencionadas.

*Tango dos marinheiros* é inteiramente inspirado no poema *The Ballad of the Bolivar*. Trata-se da história dos marinheiros bêbados que erguem brindes a Caim porque conseguiram atravessar uma tempestade e atracar o Bolivar são e salvo, para a sorte dos seus patrões.

Durante a tempestade passaram por Bilbao, tiveram certeza do naufrágio, viram o Juízo Final e o inferno. Por isso blasfemaram e continuam blasfemando em sua alegria por estarem vivos. O poema de Kipling é épico, ou gético, nos termos de Brecht. Isto quer dizer que, como toda balada, ele conta uma história e por isso seus verbos estão majoritariamente no passado. O tango de Brecht basicamente *dramatiza*, isto é, põe no presente a balada: os marinheiros seguem felizes para a Birmânia (estão enjoados das “meninas”; “navegar é o que basta para viver”) e desde logo blasfemam: “o bom Deus para nós é uma farsa”. Já próximo ao destino topam com a tempestade e então perguntam “onde está Deus que não aparece pra ajudar?”. Em feroz ironia, o final trabalha com clichês do tipo “meu mar é azul e o céu foi feito pra voar; lá onde o mar acaba o céu vai começar”. Brecht e Weill não achariam má idéia pensar criticamente na heroiização dos marinheiros e, através da história de Kipling, lembrar que o desenvolvimento frenético da marinha (sobretudo a mercante) *também* pressupõe relações violentas de exploração dos trabalhadores do mar que em terra acabam reduzidos às mais execráveis

relações com os dejetos da sociedade bem posta (bordéis do cais).

É esse também o assunto da *Canção de Mandalay*. Curiosamente, o maior especialista inglês na obra de Brecht acredita que ela só se aproveitou do nome desta cidade da Birmânia.<sup>7</sup> Talvez por um efeito desastroso da proximidade, não lhe ocorreu dar uma olhada nos poemas de seu conterrâneo. Se o fizesse, teria encontrado um dos poemas que Brecht deveria saber de cor (na tradução alemã): *Mandalay*. Trata-se novamente de uma balada, na qual o soldado, de volta a Londres, sente saudades da temporada que passou no porto de Mandalay, das “meninas” e de uma em especial. Sua nostalgia se deve principalmente ao cenário muito sem graça que encontrou na volta ao lar. Como tende a acontecer quando se sabe um poema de cor (Guilherme de Almeida que o diga), ele acaba sendo interpretado, como fez Brecht. Kipling já não era mesmo muito dado a fazer concessões ao bom gosto e às conveniências burguesas (por exemplo: escrevia seus poemas procurando representar sotaques – *accents* – populares e estrangeiros) e Brecht radicalizou: a canção interpretada por Sam

fala da glória e decadência de um bordel “do bem”; e a decadência se deve ao fato de que não há mais homens belos-porque-tinham-dinheiro para frequentá-lo (quem poderiam ser?).

Finalmente, e segundo a fortuna crítica, *Surabaya Johnny* é a canção que tem inspiração mais remota em Kipling. Pesquisadores como John Willett se referem apenas ao verso “Ah, meu Deus, como eu era jovem/ tinha só dezesseis anos” (*Ich war jung Gott/ erst sechzehn Jahre*), que em *My Rival* é o lamento de uma jovem prostituta indiana (dezessete anos), cuja rival (de 49) faz mais sucesso junto aos clientes (*she rides with half a dozen men*). Pois uma leitura mais atenta deste poema (e outros) de Kipling pode levar a percepções semelhantes às facultadas por *Mandalay*. Não apenas porque Surabaya também fica na Birmânia (de onde veio o gigolô da canção), mas sobretudo porque Brecht dá nome às relações (prostituta/gigolô) que Kipling quando muito insinua. Aliás, a propósito, é preciso notar uma derradeira homenagem de Brecht a Kipling nesta peça: depois que Lilian acaba de cantar, Bill responde com *A canção da noz dura*, que literariamente pode ser interpretada

como “canção do chefão”, pois contém o típico recado do gigolô. O que se “homenageia” aqui é o machismo radical de Kipling ou, se preferirmos, dos personagens de seus poemas (por exemplo: *a woman is only a woman, but a good cigar is a smoke*, responde o homem, desafiado a escolher entre a mulher e o charuto). Assim, a canção do chefão avisa que “um homem forte precisa ser sustentado” e deve tratar a mulher “a pontapé e porrada”.

### Paródia de hinos

Dario Fo conta em *Mistério bufo* que a paródia de rituais, orações e hinos religiosos começou na Idade Média, razão pela qual o teatro acabou sendo expulso da Igreja. Proveniente de família com raízes católicas, o menino Brecht deve ter participado de inúmeras sessões de cantoria paródica de hinos religiosos. Outra experiência, esta relatada por seus biógrafos, consistia em *interpretar* salmos e outras músicas (hinos cívicos, ou do Exército da Salvação, por exemplo) realizando uma paródia gestual no simples modo de cantar, sem precisar alterar a letra em nada, “brincadeira” que ele teria aprendido com as operárias da fábrica administrada por seu pai.

No capítulo das paródias, a dupla Brecht-Weill produziu uma verdadeira obra-prima na denúncia musical de um dos procedimentos mais perversos dos compositores de hinos religiosos, que é a apropriação de frases musicais e às vezes de temas inteiros da tradição popular ou mesmo das lutas dos trabalhadores. Trata-se do hino *Todos atentos!*, entoado na entrada triunfal da tropa de choque de Lilian, em que é “citada” nada menos que a primeira estrofe de *A Internacional* que diz “De pé ó vítimas da fome/ De pé famélicos da terra/ Da idéia a chama já consome/ A força bruta que a soterra”, que os adaptadores transformaram por conclamando os “soberanos da terra”. Considerando-se a falta de senso de humor da esquerda alemã (de que Brecht vivia reclamando), é bem provável que na época esta heresia tenha sido tomada ao pé da letra.

Outra obra-prima é a *Canção do vendedor de vinho*. Aqui temos o exemplo da “paródia séria”, para dar um nome ao procedimento gestual acima referido, em que a composição se limita a fazer exatamente o mesmo que o objeto parodiado, mas obrigando-o a dizer mais do que o combinado, de modo que ele ao

mesmo tempo se torna inconveniente, por revelador e, aos distraídos, pode parecer coisa séria. Em breve resumo, a canção conta a história de um alcoólatra que vende bebidas e se arrepende desse pecado. Em suas alucinações (ele já chegou a esse ponto) enfrenta Deus e suas ameaças de excomunhão. Com medo, promete abandonar o negócio e destinar seu sujo dinheiro a obras de caridade. Trata-se, pois, de exemplo que o Exército da Salvação espera ver seguido e, na peça, por ninguém menos que Bill Cracker.

Finalmente, temos a contribuição do espetáculo do Folias. Na cena em que Lilian é desafiada a cantar para seus superiores o *Tango dos marinheiros*, ela dá uma espécie de golpe e canta a *Balada dos piratas*. Como a temática de ambas é semelhante (piratas, sua violência, o pavor das tempestades), mas esta versão não tem blasfêmias, ela pode cantá-la sem medo do julgamento dos companheiros. Pelo contrário, aqui o refrão invoca até a ajuda da Virgem Maria. Digamos que os adaptadores brasileiros optaram por explicitar também no texto o procedimento pouco ortodoxo da tenente encrencada.

## Letra e música

Mesmo sem ser exaustivo, o levantamento acima já permite perceber o quanto *Happy End* queria ser levada a sério. Mas ainda seria preciso ver, como se acabou de fazer com o caso de Lilian, o funcionamento de cada canção no conjunto da narrativa. Devido às limitações deste trabalho, basta no momento dar alguns exemplos.

As canções interpretadas por Lilian fundamentalmente confirmam uma insinuação a respeito de sua vida pregressa: antes de ser recrutada para a missão religiosa, ela teria sido uma prostituta de cais do porto. É por isso que conhece tantas canções que falam de marinheiros, inclusive *Surabaya Johnny*. Por isso também o “abismo” que a separa de Bill Cracker é falso.

Um ponto de extremo interesse é a vida pregressa da Mosca. Ao final ficamos sabendo que seu marido era originalmente um policial que perdeu a memória e por isso juntou-se ao Exército da Salvação. Tendo que cuidar da vida, ela acabou se tornando chefe de um bando de vigaristas, escroques, assaltantes de banco e assim por diante. Uma carreira tão bem-sucedida dependeu no

mínimo de alguma boa vontade por parte da polícia, afinal composta por companheiros de seu marido desaparecido. Isso explica, por exemplo, a tranqüilidade com que ela encara o futuro, tal como exposta na *Balada do lírio do inferno*. Fica naturalmente combinado que, a propósito de Mosca, cujo *happy end* pegou tão mal,<sup>8</sup> não passa pela cabeça de ninguém a idéia de que ela possa ser uma alegoria deliberadamente grosseira da classe dominante alemã.

Nas anotações sobre *A Santa Joana dos matadouros*, Brecht insiste sobre o seu interesse em evidenciar, no comportamento de Joana (versão melhorada de Lilian Holiday), o papel nefasto das instituições religiosas na disputa pelo controle das massas em tempos de desespero geral.<sup>9</sup> Pois em *Happy End* isso se mostra de modo claríssimo na cena e no texto, no momento em que na reunião do Exército da Salvação é interpretada (a sério) a seqüência dos hinos *Não perca a fé* e *Em um berço tão dourado*, culminando com a *Canção do vendedor de vinho*. Até um homem duro como Bill Cracker vacila e se confessa um pecador, enquanto o major vai dando seus golpes nas feridas emocionais dos presentes. No limite de

sua capacidade de resistência psicológica, Bill comenta: “Este lugar aqui é incrível. Estou sentado aqui tranqüilamente, esperando uma moça, com a qual eu tenho que ter uma conversa muito importante, aí eles começam a tocar e a cantar até a gente não ter mais juízo, perder o sentido [...]” (final do segundo ato).

### Gran finale

Na versão original, todos festejam a fundação do banco através de uma divertidíssima paródia (explícita) de hino-exaltação do Exército da Salvação (*Hosana Rockefeller*). Mas a versão brasileira teve uma idéia melhor, no mais legítimo estilo brechtiano. Reaproveitou o final criado por Chico Buarque para a *Ópera do malandro*, no qual são parodiadas árias e marchas muito conhecidas de óperas como *Traviata*, *Rigoletto*, *Aída*, *Carmen* e *Tannhäuser*. Como em Chico o que se celebrava era a “modernização” que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial, a maior parte das bugigangas que passamos a importar naquela época está inteiramente ultrapassada (*ban lon*, lanchonete, xampu, etc.) e agora estamos celebrando a associação global de capital financeiro e

instituições religiosas de caráter mais universal, bastando aos adaptadores atualizar o rol dos índices da penúltima onda modernizante. Assim, agora estamos felizes e bendizemos a Deus porque temos *franchising*, cabine dupla, fax, Internet e assim por diante.

Só para registro da família a que todos pertencem (coletivo Brecht, Chico Buarque e Folias), foi prática muito comum dos coros de trabalhadores em toda a Europa, até a ascensão do nazismo, a composição de letras para árias favoritas de óperas. Segundo um estudioso do assunto,<sup>10</sup> para além do *Hino do Primeiro de Maio* que se apropriou da melodia do *Va pensiero* (*Nabuco*, de Verdi), os trabalhadores *usavam* particularmente o coro dos peregrinos de *Tannhäuser* e árias da *Carmen*, como a do *Toreador*, ambas presentes no *Happy End* do Folias. Este final cifra, portanto, outro gesto (agora no sentido de atitude) do espetáculo do Folias.

### A nota local

Restaria ainda fazer minimamente algumas considerações sobre o espetáculo, um dos mais brechtianos que nosso teatro mais recente já teve oportunidade

de ver. Mas como esta função já foi desempenhada com muito mais competência por Mariangela Alves de Lima, é melhor seguir os exemplos de Brecht e Piscator e simplesmente passar-lhe a palavra. Após resumir a equação fundamental do texto (um pacto caricatural entre o crime organizado, o proselitismo religioso e as corporações de defesa), nossa crítica observa:

Como se vê, os termos dessa associação não são novos, mas nem por isso deixam de corresponder aos avatares do capitalismo contemporâneo. O gangsterismo norte-americano, a seita salvacionista e a polícia são máscaras alargadas o suficiente para comportar os agentes de uma economia baseada no princípio do máximo lucro e o mínimo de ética. A formalização histriônica da peça tem a dupla função de explicar como as coisas acontecem e, ao mesmo tempo, desopilar o fígado dos espectadores tornando risíveis esses perigosos aliados.

É possível que a peça seja muito engraçada no original, mas, por alguma razão, o humor alemão não se aclimata bem entre nós. A encenação de Marco Antonio Rodrigues resolve a diferença com o grão de sal do sarcasmo. As ações e, sobretudo, as ações físicas são agressivamente

predatórias, com a energia e o caradurismo dos bandidos tupiniquins. Há uma graça corrosiva nas atitudes, nas tonalidades vocais, no arranjo espacial dos agrupamentos em cena.

Com um elenco coeso e tecnicamente impecável (o desempenho é tão bom que seria injusto comentar personagens isoladamente), o trabalho do Folias d'Arte tem a organicidade do *ensemble*. O mesmo princípio de composição dos personagens – equilíbrio entre ironia e crítica – preside os figurinos criados por Lola Tolentino, a cenografia de Ulisses Cohn e a direção musical de Dagoberto Feliz. Tudo é bonito, mas trata-se de uma beleza feroz. O espetáculo não enfraquece ou ridiculariza essas forças que considera temíveis.<sup>11</sup>

Era o que tentávamos indicar com a pergunta “Final feliz para quem, cara pálida?”.

\* Do Conselho Artístico do Folias D'Arte.

<sup>1</sup> Cf. a nebulosa e instrutiva trajetória de um certo Hugo Stinnes nos anos negros da inflação (1920-1923), de cujo banco na Holanda partiram as mais ousadas iniciativas para a construção de um império econômico na Alemanha, segundo relato de Otto Friedrich em *Antes do dilúvio* (Rio de Janeiro: Record, 1997).

<sup>2</sup> Cf., Fredric Jameson, *O método Brecht* (Petrópolis: Vozes, 1999).

<sup>3</sup> Cf. John. Fuegi, “The Zelda syndrome: Brecht and Elisabeth Hauptmann”, em P. Tomson & Glendyr Sacks, *The Cambridge Companion to Brecht* (Cambridge: Cambridge University Press, 1994), pp. 104-116.

<sup>4</sup> Elisabeth Hauptmann só se inscreveu – e foi admitida – no Partido Comunista em 1929; Brecht parece ter sido aconselhado a não o fazer porque seria recusado (em 1928 fora duramente criticado por seu “cinismo”, presente na *Ópera dos três vinténs*); Kurt Weill era social-democrata, mas não consta que fosse militante e assim por diante.

<sup>5</sup> O governo proibiu manifestações de trabalhadores no 1º de maio de 1929. Os comunistas mantiveram a convocação e os manifestantes foram massacrados pelas forças da “ordem”. Brecht assistiu ao massacre do apartamento de seu “mestre”, o sociólogo marxista Fritz Sternberg, que afirma ter sido este o momento em que Brecht deixou definitivamente de apostar na social-democracia.

<sup>6</sup> Ver o ensaio *O que é teatro épico?* (segunda versão). Na tradução para o inglês, *Understanding Brecht* (Londres: Verso, 1992), pp. 15-24.

<sup>7</sup> Cf. John Willett, *Brecht in context* (Londres: Methuen, 1984), especialmente o cap. 3, “The case of Kipling”.

<sup>8</sup> Os raros críticos que encaram a peça e se dão ao trabalho de a resumir – todos simpatizantes da obra de Brecht, é bom insistir – se mostram ligeiramente escandalizados com a recuperação da memória de Aníbal e o reconhecimento que se desdobra na proposta de fundação de um banco. Cf., por exemplo, John Willett em seu *O teatro de Brecht* (Rio de Janeiro: Zahar, 1967), p. 37.

<sup>9</sup> Cf. Bertolt Brecht, *Écrits sur le théâtre* (Paris: L'Arche, 1972), v. 2, p. 336.

<sup>10</sup> Cf. Georg L. Mosse, *La nazionalizzazione delle masse* (Bolonha: Il Mulino, 2000).

<sup>11</sup> Crítica publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, de 12 de maio de 2000.



# DAVID

*Marco Antonio Rodrigues*

[...] de seu pequeno fruto, o fogo brilhante de onde nasce todas as artes, para oferecê-los aos mortais [...] esse fogo, senhor de todas as artes, um tesouro sem preço. – Sim, diz Prometeu, eu libertei os homens da obsessão da morte [...] instalei neles as cegas esperanças [...] eu lhes presenteei o fogo [...] dele, eles aprenderão artes sem número [...]

*Prometeu acorrentado, de Ésquilo*

Prometeu significa o pensamento que prevê. Prometeu é meio que primo-irmão do nosso conhecido Adão. Ambos, por caminhos diversos, roubam dos deuses o conhecimento, que acaba se revelando obra-prima de dominação da divindade sobre a humanidade. Só que tem uma sutil e estrutural diferença: Adão rouba o conhecimento inadvertidamente, por impulso, por intuição, é descoberto e punido e desde aí saímos todos, filhotes de Adão, por esse mundão afora expiando arrependidos essa nossa culpa

eterna. Prometeu é um herói que antevê as conseqüências do seu ato, socializa o fogo e assume o castigo como preço natural do feito rebelde. Por isso, Prometeu, apesar de acorrentado, é pai libertador. Seu fogo é a luz da consciência ardendo sobre todos os homens. Aí está a escolha: agir como Adão, o penitente arrependido, ou como Prometeu, o desafiador subversivo.

David Capistrano da Costa Filho deixou, contra sua vontade de ferro, esse mundo velho antes da virada do milênio.

Por sua disciplina humanista e militante, rechaçaria essa comparação simbólica com o titã Prometeu. Detestaria essa declaração de afeto incondicional e derramado, já que reconhecia no culto da personalidade um dos males políticos impingidos à nossa existência enquanto povo. Só que David há de nos permitir esse deslize ideológico, essa dor poética e saudosa, já que ele é um dos nossos três heróis míticos. Do lado do Che Guevara e do Plínio Marcos, está lá, no coração do galpão do Folias, o retrato do David, o subversivo, olhando comovido, sorridente e esperançoso a cidade que é a de Santos, mas poderia ser o país e o mundo todo.

David é Prometeu sob todos os aspectos: militante, membro e direção do Partido Comunista Brasileiro desde que se entendia por gente (muito antes até do David pai, deputado, ex-soldado combatente pela democracia contra a ditadura franquista, ser assassinado e desaparecido pelos milicos tupiniquins), não hesitou em se afastar do Partido Comunista quando este, seduzido pelos ventos da liberalização conquistada, optou pelo pragmatismo oportunista. Eram os primeiros movimentos de um engatinhar

guloso que resultou neste triste PPS, este partido de aluguel, sempre pronto, sempre solícito, tão desimportante hoje que é difícil situá-lo quando se analisam as bandas da direita e da esquerda do espectro político-partidário brasileiro.

Faço idéia do que há de ter sofrido até chegar a tão grave decisão. Até porque, em que pese sua carapaça nordestina, que a muitos pode ter cheirado a insensibilidade, em poucas pessoas se viu caminhar de forma tão estreita e articulada os conceitos de Justiça, em seu sentido mais político e amplo, e de Amor, em seu sentido pessoal e da eucaristia cristã de catacumba. É fácil saber a dificuldade, em situações-limite, de se manter firme, praticando a coragem e a grandeza.

O fato é que David aportou de mala e cuia no Partido dos Trabalhadores, e, Prometeu que era, também nunca vacilou em travar internamente o bom combate. Não é pouco o que ensinou ou resgatou: no campo eleitoral específico, por exemplo, sempre se pautou pela idéia de que uma campanha eleitoral, ou o exercício de um mandato político deve ter como prerrogativa a educação, a conscientização, o esclarecimento popular, a luta

pelas grandes utopias, não a jogada de *marketing*, a manipulação da opinião pública, o dobre de espinha, a genuflexão servil aos donos do mundo, que tem sido a ladainha do nosso dia-a-dia desde tempos imemoriais e, com mais ênfase, em nossa contemporaneidade brega e neocolonizada.

A cabeça e o fígado de David estiveram sempre a serviço dos delírios maiores, celebrando conquistas, que, à primeira vista, pareciam pequenas (até porque as idéias novas são mais difíceis de serem identificadas) para só depois serem incorporadas aos usos e costumes: caso de iniciativas pioneiras, algumas hoje práticas recorrentes, mas que num primeiro momento geraram processos movidos pelas toupeiras moralistas – quando David era prefeito de Santos, por exemplo, fez distribuir seringas descartáveis a dependentes de drogas, como forma de combater a disseminação da Aids. Tomou pancada de tudo quanto é lado: hoje, tanto essa prática quanto o programa Médico da família são linhas de ação adotadas pelo Ministério da Saúde, onde ele, nos últimos tempos, foi assessor. O *slogan*, falsamente alardeado pelas instâncias governamentais

federais, “Toda criança na escola”, em Santos, era realidade: a cada início de ano letivo, toda a assessoria da prefeitura, os cargos em comissão, eram convocados a secundarizarem seus afazeres e se concentrarem em todas as crianças na escola.

Nos últimos meses de vida, David, que precisava e adiava um transplante de fígado ao limite, bastante debilitado, reuniu forças para, percorrendo todo o país, colaborar nas administrações petistas e nas campanhas dos candidatos. Ele conseguia tempo para extensas reflexões por escrito, com o intuito de auxiliar os futuros eleitos em seus programas. Em um documento para Marta Suplicy, David apontava cinco áreas que deveriam ser prioritárias e sobre as quais deveria se concentrar um eventual governo petista na cidade de São Paulo: educação, saúde, emprego para a juventude, segurança e (pasmem!) cultura. É que ele entendia que a questão cultural é prioritária num estado humanista, pois essa foi sua prática enquanto prefeito da cidade de Santos. Na época, era capaz de sacrificar qualquer acordo bancário para pagamento de dívidas da prefeitura, desde que fosse para financiar um empreen-

dimento cultural de relevância. E nunca entendeu o fomento da atividade artística dentro do campo cultural como a realização de eventos de massa. Excelência, capacidade intrínseca de a obra artística gerar conhecimento, infra-estrutura (bibliotecas, teatros, museus, centros culturais, enfim, equipamentos físicos) e contrapartida social foram as linhas-mestras que definiu para a atuação da Secretaria de Cultura de Santos, que chegou a ter, nos últimos dois anos de governo, um dos maiores orçamentos proporcionais do país. Sua responsabilidade ética com a coisa pública jamais lhe permitiu pensar em entregar esse estratégico setor da cidadania para a iniciativa privada. Pelo contrário, resgatou a cultura do papel periférico e a colocou no centro da questão social e política.

David ficou conhecido país a fora como uma das maiores autoridades em saúde pública do século XX ou como mestre e estrategista político, no que diz respeito às políticas públicas para a cultura. Para ele, a discussão em si pode vir a ser semente de atuação conseqüente e responsável. Tomara que aí também tenha razão.

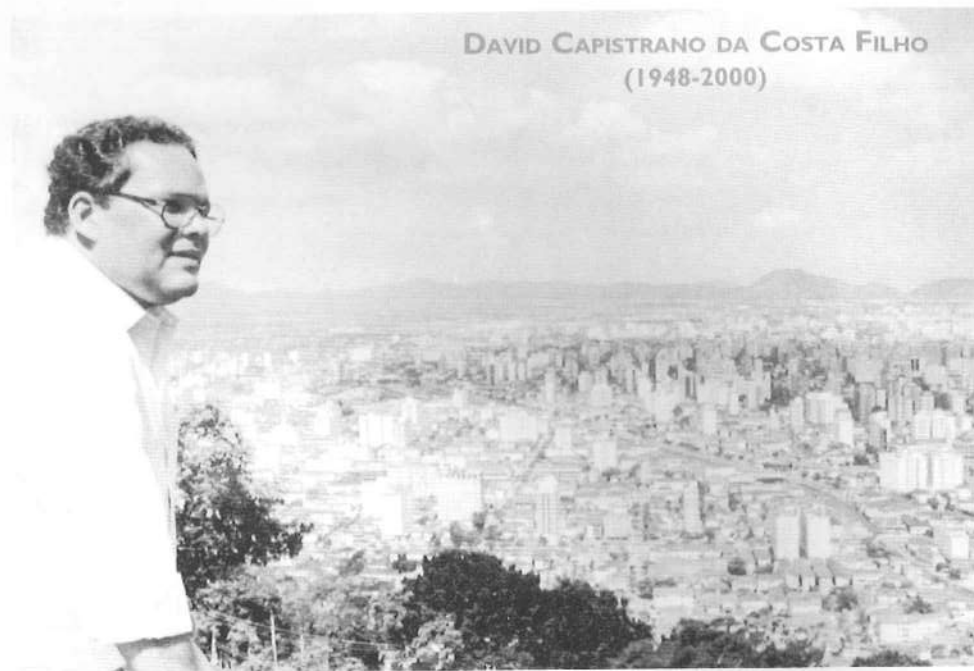
Por tantas e tão boas, David, que tanta

falta nos faz, o que viveu muitas vidas e pelejou tantas batalhas impossíveis, merece o descanso prematuro. A nós, não nos cabe a dor conformada ou o conforto da sua memória, mas a prática e a resposta à radicalidade das suas provocações.

Li o rascunho desses escritos para uma querida companheira dele e minha, a atriz Renata Zhaneta, e ela me acon-

selhou que, ao final, dissesse que nós já não chorávamos mais a sua morte, porque ele é um amigo sempre próximo. David vive.

Taí, Renata. Nós, como verdadeiros dinossauros (com muito orgulho), lembramos a antiga saudação, braço levantado: “Companheiro David Capistrano!”, respondendo rápido e convictos: “Presente!”.



# O SENAC de São Paulo apresenta suas publicações na área de artes cênicas



**ANTITRATADO DE CENOGRAFIA**  
Gianni Ratto  
192 páginas  
23 x 21 cm  
R\$ 35,00

**MARE NOSTRUM**  
Fauzi Arap  
278 páginas  
17,5 x 25,5 cm  
R\$ 28,00

**MANUAL MÍNIMO DO ATOR**  
Dario Fo  
384 páginas  
18 x 25,5 cm  
R\$ 39,00

**A AVENTURA REALISTA E O TEATRO MUSICADO**  
Flávio Aguiar (org.)  
368 páginas  
18 x 25,5 cm  
R\$ 22,00

**GIL VICENTE**  
Comentários de Benjamin Abdala Jr.  
128 páginas  
18 x 25,5 cm  
R\$ 12,50

**ADEMAR GUERRA: O TEATRO DE UM HOMEM SÓ**  
Oswaldo Mendes  
264 páginas  
17,5 x 25,5 cm  
R\$ 29,00

**O TEATRO DE INSPIRAÇÃO ROMÂNTICA**  
Flávio Aguiar (org.)  
248 páginas  
18 x 25,5 cm  
R\$ 22,00

**CEM ANOS DE TEATRO EM SÃO PAULO**  
Sabato Magaldi e Maria Thereza Vargas  
438 páginas  
18 x 25,5 cm  
R\$ 45,00



Adquira o seu exemplar nas livrarias de sua preferência ou na

**Editora SENAC São Paulo**

Rua Rui Barbosa, 377, 1º andar – Bela Vista – São Paulo – CEP 01326-010

Tels. (011) 284-4322 – Fax (011) 289-9634

e-mail: eds@sp.senac.br • home page: <http://www.sp.senac.br>

## Distribuidores / Representantes

São Paulo Tel.: (11) 221 1011  
Rio de Janeiro Tel.: (21) 564 4862  
Espírito Santo Tel.: (27) 227 5199  
Minas Gerais Tel.: (31) 3212 6838  
Paraná Tel.: (41) 330 5000

Santa Catarina Tel.: (47) 221 2255  
Rio Grande do Sul Tel.: (51) 211 1445  
Distrito Federal Tel.: (61) 244 0940  
Goiás Tel.: (62) 212 2988  
Norte e Nordeste Tel.: (81) 3074 0060